

## **DO QUARTINHO AOS QUADRINHOS:**

Empregada doméstica, humor e estereótipo nas tirinhas *Waldirene A AM* (1986-1989)

Virginia Broering (s2299844)

Dissertação de Mestrado (Research Master)

Estudos Latino-Americanos – Análise Cultural

Docente supervisora: Sara Brandellero

Universidade de Leiden

Dezembro, 2019.

# TABELA DE CONTEÚDO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>17</b>
<b>LOCALIZANDO O OBJETO</b>	
1.1 O meio: <i>O Estado</i>	17
1.2 O contexto sociocultural: Brasil nos anos 1980	19
1.3 Trabalho Doméstico: Um pouco de história	24
1.4 A Realidade do trabalho doméstico no Brasil em um par de números	32
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>35</b>
<b>EMPREGADA DOMÉSTICA: ESTEREÓTIPO E SUBJETIVIDADES NA CONSTRUÇÃO DA EMPREGADA DOMÉSTICA</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>59</b>
<b>CONSCIÊNCIA DE CLASSE: TÁTICAS DE SOBREVIVÊNCIA PERANTE A CLASSE MÉDIA</b>	
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>83</b>

## Introdução

*A história única cria estereótipos, e o problema dos estereótipos não é que eles são falsos, mas que são incompletos. Eles fazem uma história se tornar a única história.*

*Chimamanda Ngozi Adichie*

Atenta à presença da figura da empregada doméstica em diversas produções humorísticas e de entretenimento no Brasil, esta pesquisa busca se inserir no campo de estudos do humor e de representações do trabalho doméstico. Através da análise da personagem Waldirene, protagonista das tirinhas *Waldirene A AM*<sup>1</sup>, publicadas no jornal *O Estado* de Santa Catarina entre 1986 a 1989, esta investigação busca responder quais os estereótipos acionados pelo cartunista Sérgio Bonson na construção da empregada doméstica Wadirene e conseqüentemente o que estes estereótipos têm a dizer sobre a sociedade que os consumia. Neste sentido, o humor acionado nas tirinhas busca revelar algo sobre a público leitor e em se tratando de imprensa, indicar a perspectiva do jornal como um instrumento da classe dominante.

Se o objetivo de toda obra humorística é fazer sua audiência rir, todo autor ou autora de performances ou obras humorísticas necessita mobilizar signos compartilhados com o público para se fazer entender sem, contudo, precisar explicar-se. Ou seja, para que o humor tenha êxito é necessário que haja uma lógica comunicacional compartilhada por uma comunidade. Segundo o linguista Victor Raskin (1985) a compreensão do humor nada mais é do que um exercício de interpretação. Em famosa obra sobre a semântica e os mecanismos do humor, Raskin defende que para apreensão

---

<sup>1</sup> O subtítulo AM, acoplado ao nome da personagem Waldirene, faz referência as diferentes modulações de rádio AM e FM. O rádio, como veremos adiante, é um elemento central nas tirinhas de Bonson conectando as histórias das três principais personagens criadas pelo cartunista. Na década de 1970, a modulação FM começa a ganhar espaço entre as rádios brasileiras com a intenção de superar a modulação AM, antes, exclusivamente utilizada. Apesar de a modulação FM possuir menor alcance ela possui qualidade muito maior do que a AM. Quando Bonson, na década de 1980, adjetiva Waldirene como a AM, faz referência às rádios de pior qualidade destinadas a um público, cujo gosto é considerado inferior pelo consenso das classes dominantes.

da piada, o receptor faz uma interpretação das incongruências da qual emerge apenas uma interpretação possível (Cf. RASKIN, 1985).<sup>2</sup> Neste sentido é necessário que o autor conte com o conhecimento prévio do público para concretizar a piada, conta-se, portanto, com a competência linguística da audiência e sua habilidade em reconhecer tais incongruências ou qualquer que seja o elemento promotor do riso. Giseline Kuipers (2015), neste sentido, destaca que fazer a piada certa, na hora certa, requer considerável conhecimento cultural. Não rir de uma piada ou rir quando as demais encontram-se em silêncio apresenta-se como uma ferramenta para detecção de *outsiders*, pessoas que não pertencem a um grupo, pois revela ausência de códigos, hábitos e regras compartilhadas (KUIPERS, 2015, p.01). Para a autora, que estudou a sociologia da piada, nas relações sociais, o humor media compreensão mútua e assinala boas intenções. O humor difere de grupo para grupo; de momento para momento e para a autora a apreciação de uma piada é mais do que uma expressão pessoal de gosto ou opinião; senso de humor se conecta ao meio social e a experiência (KUIPERS, 2015, p.01). Ciente desta lógica comunicacional indispensável ao humor, este figura nesta investigação, como uma ferramenta de acesso à paradigmas socioculturais sobre a sociedade na qual estes discursos se encontram inseridos.

Sérgio Luiz de Castro Bonson nasceu em Florianópolis, em 13 de novembro de 1949. Bonson, como assinava seus trabalhos graduou-se em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, mas como autodidata desenvolveu habilidades como cartunista, aquarelista e artista plástico. Como cartunista e ilustrador, Bonson iniciou sua carreira no jornal *O Estado* em 1974.

Em uma edição comemorativa dos 100 anos do jornal *O Estado* lançada no ano de 2015, o jornal destinou uma página para o cartunista que segundo a matéria, teria dedicado quase 25 anos de sua vida ao jornal. A matéria inicia apresentando o cartunista como um ativista político de esquerda durante à ditadura militar brasileira (1964-1985), mesmo que logo depois ressalte que, Bonson em entrevista ao jornal na edição de 80 anos, não se auto intitulava como “um homem de esquerda, mas um artista atento a qualquer movimento político, da direita à esquerda, do centro ao infinito. Entendia que a

---

<sup>2</sup> Há uma extensa bibliografia sobre humor que se utiliza e também refuta a teoria da incongruência, todavia, neste trabalho volto a atenção mais para à hermenêutica da piada, em si, do que os recursos semânticos utilizados para descrever os componentes atuam na execução de uma piada. A linguística aparece como um recurso para acessar ao humor em sua raiz mais sociológica que é o que circunda o objetivo principal desta pesquisa.

função da charge era ser, na essência, um “editorial” visual e crítico do jornal” (UMA..., 2015, p.16). Mesmo que o artista não tenha descrito a si mesmo como um homem de esquerda, seu nome é conhecido até hoje como umas das personalidades da esquerda florianopolitana. No ano de 1967, em visita do marechal Costa e Silva<sup>3</sup> à capital de Santa Catarina, Bonson e outros estudantes, foram presos por pichar muros da cidade, repudiando a presença do militar (UMA..., 2015, p.16). Segundo a mesma matéria, o artista, devido ao seu posicionamento político, teria protagonizado “inúmeras situações difíceis para o jornal” como quando publicou uma charge criticando o general João Figueiredo<sup>4</sup>, em plena ditadura militar (UMA..., 2015, p.16). Segundo uma matéria publicada em ocasião do retorno do cartunista à equipe do jornal *O Estado* em 1986, Bonson teria sido afastado do jornal, em 1978, por motivo de represália, devido a esta charge contra o então presidente Figueiredo. A charge soou afrontosa às “autoridades que tinham influência no veículo”, segundo as palavras do próprio cartunista. Por se tratar de um momento, já de abertura política, Bonson disse ter acreditado que teria liberdade em poder fazê-lo.

Após seu afastamento do jornal em 1978, Bonson, trabalhou como *freelancer*, vendeu xilogravuras e aquarelas e no ano de 1985, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou para periódicos bastante expressivos do jornalismo brasileiro, como a *Folha de São Paulo*, o *Estado de São Paulo*, entre outros.

Foi aí que tive um contato maior com outras pessoas que também lidavam com humor, como Angeli, Fortuna, Glauco e Luiz Gê. Peguei uma época em que o humor político, rancoroso, quase guerrilheiro, estava em crise. A saída foi uma recuperação de gratuidade do riso, usado como antídoto contra as jararacas da vida (Bonson em entrevista concedida ao jornal *O Estado* em 1987).

Frustrado com o que chamou de conservadorismo tanto da *Folha de São Paulo* quanto dos paulistas, Bonson, saudoso de sua terra natal, decide voltar a Florianópolis, onde, à ocasião, alegou ser o seu lugar.<sup>5</sup> De volta à Florianópolis, Bonson, volta a compor a equipe d’*O Estado* atuando como ilustrador, chargista e posteriormente

---

<sup>3</sup> Segundo presidente durante o período da ditadura militar brasileira (1967-1969).

<sup>4</sup> Último presidente durante o período da ditadura militar brasileira (1979-1985).

<sup>5</sup> Sérgio Bonson. *O Estado*, 02 jan. 1986. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

cartunista. Em maio do mesmo ano publica a primeira tirinha *Waldirene A AM*, pelas quais ficará conhecido não só em Florianópolis, mas também em outros estados, como São Paulo. A edição do dia 13 de agosto de 1986 traz uma matéria que inicia dizendo: “Chegou a vez de inverter a relação “metrópole” – “província”: a partir dessa semana não é mais apenas o eixo Rio- São Paulo que exporta tiras humorísticas para todos os jornais do País. Santa Catarina vai exportar a sua.” A reportagem continua informando que o autor da “façanha” é o cartunista Sérgio Bonson, que terá a personagem *Waldirene, A AM* publicada no jornal *Diário Popular*, de São Paulo.<sup>6</sup>

Em São Paulo, Bonson teve contato com os principais cartunistas do país, os quais cita em sua fala destacada acima, estes artistas citados por Bonson, eram conhecidos por seu humor crítico, mas sem dúvida, influenciados por suas inserções pessoais na sociedade e esta análise se quer atenta a estas características. Refiro-me ao fato deste universo ser composto majoritariamente por homens, brancos e oriundos de um mesmo extrato social, encarregados da principal crítica social que vinha em forma de humor. A fala de Bonson, demonstra que apesar de ter trabalhado a maior parte de sua vida em jornais de Santa Catarina, tinha contato com outros cartunistas brasileiros, comprovando que sua obra não era uma produção isolada, mas que, de alguma forma, interagiu também com um circuito mais amplo de expressões gráficas de humor.

É interessante levantar que a percepção que Bonson tinha do humor que fazia, se difere totalmente da forma como o humor é encarado neste trabalho. Para o artista o humor que produzia, era um humor leve, gratuito e mesmo “antídoto contra jararacas da vida”. Bonson parece destacar um humor que para teoria do humor, poderia ser chamado *humor inofensivo*, cuja utilização requer resultados positivos; um humor sem confronto (STRAIN, 2014, p.16). Como veremos adiante, o humor de Bonson, definitivamente não se classificaria como inofensivo ou sem lançar mão de confronto. A análise cultural parece mostrar sua utilidade justamente nesse desencontro entre intenção e recepção, na tentativa de ampliar tanto quanto possível as possibilidades e as consequências sociais de uma produção artística. Talvez, a partir do ponto de vista e do local social de onde partia o cartunista, seu humor se constituía inofensivo, mas do ponto de vista de uma análise mais atenta e minuciosa, é possível complexificar a

---

<sup>6</sup> Sérgio Bonson. *O Estado*, 13 ago. 1986. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

possibilidade de se extrair apenas uma resposta e do contrário enaltecer as ambiguidades, os confrontos e pontos de tensão de uma obra. Ao invés de aceitar o humor presente nas tirinhas *Waldirene A AM* apenas como inofensivo, proponho-me a perceber as possíveis perversidades desta linguagem. Do outro lado do humor inofensivo, estaria o humor agressivo. Conforme Megan Strain, dados os confrontos sociais que grupos marginalizados continuam encarando, é importante considerar e seguir estudando o potencial de agressividade do humor em perpetuar atitudes negativas como um mecanismo de expressão do preconceito (2014, p.17). Rappoport, todavia, descreve este tipo de humor como uma “espada” devido o seu potencial de dano, ao mesmo tempo em que sugere que o mesmo pode ser utilizado como um “escudo” com o qual se pode lidar ou até mesmo defender alguns grupos contra estereótipos negativos (Apud. STRAIN, 2014, p. 17). Pretendo alertar com esta análise, que o humor presente nas tirinhas *Waldirene A AM*, pode atuar com uma face dúbia, algumas vezes atingindo agressivamente a classe das empregadas domésticas e em outras a classe média, representada majoritariamente na figura da patroa de Waldirene, Dona Heloísa. Em conclusão sobre os tipos de humor inofensivo e agressivo, Strain destaca:

Tanto inofensivo quanto agressivo o humor proporciona ilustrações do complexo papel que este pode jogar na interação social. Ambos podem ser utilizados como uma ferramenta para comunicar informações que indivíduos podem não estar ábeis ou desejando explicitar, e ambos têm significante influência em interações interpessoais tanto em relacionamentos pessoais quanto em relacionamento intergrupais. Independentemente disto, investigação em ambos os tipos de humor nos informa que ele nunca é “apenas uma piada”. (2014, p. 18, tradução minha).

Em entrevista concedida ao jornal *O Estado*, em ocasião do lançamento de seu livro *Waldirene A AM* – uma compilação de tirinhas publicadas no jornal – tanto o editorial quanto o cartunista demonstram ciência a respeito de críticas sobre o humor construído acerca da personagem Waldirene, pois a matéria pondera: “Há quem reclame da satirização das empregadas domésticas através de Waldirene (O RISO..., 1987)”. A respeito disso o próprio cartunista coloca: “A gente sabe que é uma vida desgraçada, cheia de dificuldades, não quero ridicularizar as empregadas. De qualquer jeito o [humor] existe, e pode ser explorado de uma forma engraçada (Bonson em entrevista concedida a *O Estado* em 1987)”. O cartunista parece crer num humor à la “apenas uma

piada” como descrito por Megan Strain na passagem acima. No que se refere a sua percepção a respeito da classe média, retratada por ele, em contraste com a vida da empregada Waldirene, Bonson nos dá pistas ao dar sua opinião sobre a forma como o Brasil lida com o humor: “Não temos uma tradição nesta área [humor brasileiro]. O que ocorria eram modismos, ondas, e o artista se esquecia muitas vezes de se renovar. Nosso país é muito pobre culturalmente, temos muitos analfabetos. E a classe-média é esse *fim-de-mundo* que a gente vê”. Nesta frase, Bonson relaciona cultura à alfabetização e desta forma a falta de educação formal em muitas áreas do país resulta numa falta de cultura, segundo ele. Ao descrever a classe média brasileira, o cartunista a caracteriza como “esse *fim-de-mundo* que a gente vê” e fala de uma forma como se os leitores e leitoras soubessem exatamente ao que ele se refere com “fim-de-mundo”, o que induz a crer que se refere à forma como ele próprio a representa em suas tirinhas e charges. Bonson também compara a produção de charges e de tirinhas e atesta sua preferência pelo que ele chama de “quadrinhos”, o que aqui neste trabalho tenho me referido como “tirinhas”:

Não tem muito mistério, as charges devem ser objetivas. É só pegar o político que anda fazendo mais besteira no momento e acabou. Por isso os quadrinhos são mais interessantes. Você tem espaço para o subjetivo, pode passar mais idéias, mostrar os desdobramentos do que está acordando. É bem mais interessante... (Bonson em entrevista concedida a *O Estado* em 1987).

Bonson aqui parece se colocar ciente do espaço tomado pelas subjetividades na produção de suas tirinhas, mas sua concepção de humor parece abrandar os efeitos destas subjetividades, uma vez que encara o humor com certa leviandade.

Ao ser questionado sobre o mercado do humor no Brasil, Bonson, se mostra incomodado com a maneira com que o humor funciona em seu país. Segundo ele “um humor mais refinado que abranja outros temas” (BONSON, 1986), que não àqueles compromissados com o cotidiano ficando “sempre em cima da notícia” (BONSON, 1986), não tem espaço no Brasil. Diferente da Europa, exemplifica o cartunista,

lá a imprensa sempre leva em conta outros temas. Mas para que houvesse uma mudança na exigência das pessoas e até dos desenhistas [...] seria necessário que o povo adquirisse mais cultura. Enquanto essa mudança não

acontece, ele continua fazendo suas ilustrações descompromissadas em casa e não as publica (BONSON, 1986).<sup>7</sup>

Vale ressaltar que à ocasião desta entrevista, concedida em razão de sua readmissão no Jornal, Bonson ainda não havia começado a publicar as tirinhas da *Waldirene A AM*. Pude constatar que as tirinhas não necessariamente tinham relação direta com as notícias do jornal, salvo em algumas ocasiões,<sup>8</sup> logo, parece-me que as tirinhas davam mais liberdade para que o artista explorasse temas que não tivessem de reportar fatos ou que apenas tangenciassem os mesmos, portanto, provavelmente mais engajados com aquilo que ele realmente gostaria de criar. Para Bonson (1986), há apenas duas coisas que não devem ser ridicularizadas pelo humor a primeira delas é a natureza e outra trata das verdades e crenças das pessoas.<sup>9</sup> Ainda que tivesse a intenção de se abster das notícias cotidianas na criação de suas tirinhas, Bonson, não conseguia desvencilhar-se do que acontecia a sua volta, assim como sua experiência pessoal e social encontravam-se contempladas, de alguma forma, em seu trabalho. As tirinhas eram parte do jornal onde eram veiculadas e agiam em conformidade com o restante do periódico além de responderem aos paradigmas socioculturais da época e do público que consumia o jornal.

Sendo o tema do trabalho doméstico um assunto bastante caro e que muito tem a dizer sobre o contexto social brasileiro, esta pesquisa se preocupa em entender como a ocupação profissional da personagem Waldirene interage com as temáticas exploradas pelo cartunista. O tema é abordado, aparentemente, sem dramaticidade, envolto pela pretensa leveza com que a linguagem humorística busca se comunicar, todavia a utilização de signos e estereótipos (característica da linguagem humorística) é chave na comunicação com o público e neste sentido tem muito a dizer do imaginário que figura entre os leitores e leitoras do jornal. Sendo assim, o enfoque recai sobre os símbolos explorados e reforçados pelo cartunista para se comunicar com o público leitor. Ou seja, esta investigação quer refletir acerca dos estereótipos e imagens acionadas pelo humor nas tirinhas, e além de buscar acessar o imaginário sobre a profissão presente na

---

<sup>7</sup> *O Estado*, 02 jan. 1986. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

<sup>8</sup> Tirinha protagonizada pela personagem Henricão em que faz menção direta ao campeonato de surfe sediado na praia da Joaquina (Florianópolis/SC). Tirinha protagonizada pela personagem Soiza, em que há relação direta com as eleições de Florianópolis. Uma série de tirinhas em junho de 1986 que fazem menção à copa do mundo de futebol. Algumas tirinhas que trazem à cena, a Constituição Brasileira promulgada em 1988.

<sup>9</sup> Sérgio Bonson. *O Estado*, 02 jan. 1986. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

sociedade que as consumia, pretendo ver como e se estas produções humorísticas permitem acessar algo sobre a condição de trabalho destas mulheres.

Segundo artigo publicado no portal BBC, em 2017, o Brasil possuía a maior população de empregadas domésticas do mundo, empregando 7 milhões de pessoas no setor, sendo este predominantemente composto por mulheres, afrodescendentes e com baixos níveis de escolaridade. Conforme dispõe o artigo 1º da lei 5.859 de 1972, entende-se por trabalho doméstico os serviços prestados de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal, sem finalidade lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas. Desta forma encontram-se incluídos serviços como motorista, jardineiro, caseiro, dentre outros responsáveis, em sua grande maioria, pela população masculina que habita as estatísticas sobre o trabalho doméstico. Considerando os índices de cor na ocupação dos postos de empregadas domésticas – em 2015, das 5,7 milhões de mulheres contabilizadas como domésticas, 3,7 milhões eram declaradas negras e pardas<sup>10</sup> – aliada a mais tardia abolição da escravatura do continente, nota-se que o tema possui raízes profundas na cultura e economia do sistema escravista. Esta herança escravocrata fez com que o país constituísse uma relação *sui generis* com a profissão da empregada doméstica, como pode ser atestado pelos índices descritos acima. Da mesma forma, o tema possui relação direta com os estudos de gênero no Brasil, uma vez que a imensa maioria do setor é constituída por mulheres de baixa renda. O tema articula raça, gênero e classe e está bastante presente e vivo na realidade do país, como se pode perceber pelos dados aqui ressaltados que têm a intenção de asseverar a importância de trazer o tema ao debate.

O tópico é, por sua vez, igualmente caro à história do feminismo, pois mesmo com avanços na diminuição da desigualdade de gênero através da modernização da vida cotidiana e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a profissão não sofreu riscos de erradicação, mas antes o contrário. Segundo Sônia Roncador a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, a partir dos anos 70 fez com que a existência de uma empregada doméstica dentro dos lares fosse condição necessária para que uma parcela das mulheres pudesse lutar por sua emancipação feminina (2003, p. 57). Em outras palavras, ainda que tenha havido alguns avanços no que se refere à entrada das mulheres no mercado de trabalho, os baixos salários destinados às empregadas

---

<sup>10</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>. Acesso em: 16/05/2019.

domésticas permitiu que permanecesse intacta a estrutura da divisão desigual do trabalho doméstico, uma vez que este permaneceu ainda exclusivamente uma função de mulheres. Segundo Silvia Federici a responsabilidade sobre o trabalho doméstico delegado às mulheres foi o que tornou possível a expansão do sistema capitalista. A autora argumenta, ao revés do que desenvolveram os teóricos marxistas – cujos postulados versavam que as mulheres tiveram papel secundário na execução do sistema – que as mulheres não só foram condição necessária ao executarem os serviços domésticos para que os homens pudessem trabalhar, como também junto às suas funções de gestão domésticas estavam reproduzindo o que mais valioso foi ao capitalismo: mão-de-obra (Cf.: FEDERICI, 2009).

A importância da função que as empregadas domésticas vêm exercendo historicamente não condiz com a escassez de regulamentação jurídica por detrás da profissão. Em trabalho publicado em 2003, Sônia Roncador, chama atenção para o descaso das pesquisas e das instituições políticas sobre o tema. Ainda que o número de estudos destinados ao tema venha crescendo consideravelmente a escassez de regulamentação foi e ainda é um assunto manifesto para a sociedade brasileira e as muitas mulheres que vem exercendo o trabalho de manutenção dos lares há centenas de anos. A hipótese de Roncador para a carência de estudos é que se trata de uma das tarefas sociais das mulheres e, portanto, uma espécie de ocupação “natural” feminina, socialmente nem considerado um “trabalho” (2003, p. 57), justificativa que muito provavelmente explica a insuficiência de leis destinadas a assegurar direitos às profissionais da área. Segundo Heleieth Saffioti a sociedade capitalista expulsou a mulher do mundo do trabalho, alijando seu trabalho de ser economicamente produtivo (1984, p. 17). Saffioti afirma que os trabalhos realizados pelas mulheres dentro dos lares não podem ser classificados como de natureza produtiva pelo sistema capitalista, mas assim como Federici, ressalta que a produção cotidiana, ao lado da reprodução da força de trabalho foram a garantia da manutenção do sistema (1984, p. 20). Desta forma, acreditam que a exclusão do trabalho doméstico – e conseqüentemente daquelas que passaram a prestar estes serviços no interior das famílias – do sistema capitalista fez com que, por muito tempo, o tema não figurasse um tópico de análise relevante à sociedade e às pesquisas acadêmicas.

Este trabalho visa, desta forma, somar-se aos esforços de dar visibilidade a um tema importante para a realidade brasileira, ao mesmo tempo em que busca mobilizar

ferramentas para compreender a sociedade na qual estavam inseridas as tirinhas de Sérgio Bonson ainda tão pouco estudadas. O trabalho mais expressivo publicado a respeito da obra de Sérgio Bonson foi a dissertação de metrado de Michele Bete Petry (2011), intitulada “Entre desenhos, aquarelas e expressões gráficas de humor: a cidade e o cotidiano de Florianópolis (SC) na obra de Sérgio Bonson”, nela a autora visa construir uma narrativa sobre a cidade de Florianópolis selecionando parte da vasta obra do artista na qual, diferente deste trabalho, para além das tirinhas, Petry analisa aquarelas, charges e desenhos do autor. Ainda que esta dissertação utilize como fonte as tirinhas de autoria de Sérgio Bonson é importante salientar que este trabalho, diferente do enfoque dado por Petry, busca encontrar traços de um retrato cultural da sociedade florianopolitana que consumia as tirinhas de Bonson publicadas num jornal de grande circulação na segunda metade da década de 1980. As tirinhas de Bonson aparecem como uma forma de acessar o imaginário que circundava as relações de trabalho entre empregadas domésticas e suas patroas e patrões. Neste trabalho, sua produção humorística surge como uma ferramenta de acesso à paradigmas socioculturais, uma vez que as tirinhas eram publicadas no jornal de maior circulação do período junto do periódico *Diário Catarinense*. Dentro do contexto das expressões gráficas de humor em Santa Catarina, Bonson se destacou como um dos cartunistas mais importantes, atingindo, inclusive, como vimos, outros estados. O cartunista vive na memória dos catarinenses até hoje, lembrado sempre por sua mais expressiva personagem, Waldirene.

Assim como Barry Brummet, parto do princípio que ler é sempre uma tentativa de entender os significados sociais compartilhados através de palavras, imagens, objetos, ações e mensagens, as tirinhas de Bonson partilham de uma teia de significados comuns que pretendo descrever e analisar através de uma leitura atenta e minuciosa como sugerida pela metodologia *close reading* (2010, p. 07). Segundo a definição de Brummet a técnica de *close reading* consiste em uma leitura atenta e disciplinada sobre um objeto com a intensão de um entendimento aprofundado de seu significado; frequentemente, este entendimento é compartilhado com outros na forma de uma crítica ou análise crítica (2010, p. 09). Segundo Michael Pickering, a forma como os contornos culturais se relacionam com o mundo social onde circulam, quase nunca são diretas, pelo menos no que se refere à suas implicações mais amplas (2001, p.xiii). Ou seja, o processo de análise passa por descrever o conteúdo das tirinhas e, posteriormente,

buscar deduzir também, o que não está diretamente mencionado, mas atua no imaginário do público consumidor das mesmas. Isto é, trata-se de uma análise cultural, porém levando em conta a forma como esta sempre se relaciona com as características materiais, inferindo como estas duas se retroalimentam. Ou seja, através das tirinhas, perceber como os estereótipos acionados pelo cartunista na construção do humor dialogam com a realidade das mulheres que exerciam este ofício no período em que estão sendo publicadas, a fim de visualizar quem eram estas mulheres a quem Bonson se referia, ao construir a personagem Waldirene.

Não há análise cultural isolada do sistema ao qual ela pertence e o mesmo vale para pensar a relação que a produção do cartunista constituiu com o cenário a sua volta. Quanto a isso me refiro à influência que outras produções de humor e entretenimento seguramente tiveram sobre as tirinhas de Bonson, assim como o trabalho do cartunista, por tantos anos no jornal deve ter atuado sobre outros. Isto porque estamos lidando aqui com imagens e, portanto, com cultura visual e como ressaltou o teórico da imagem William Mitchell as imagens na cultura visual circulam entre diferentes suportes e estes se arrastam pelo tempo. Mitchell (2009), destaca a diferença entre o que seriam imagens materiais (*Picture*) e imagens imateriais (*Image*). As imagens materiais, veiculadas por suportes físicos como fotos, pinturas, televisão, estátuas, constituem junto com as imateriais uma relação indissociável. Ao mesmo tempo em que as imagens materiais se encontram em um suporte físico elas estão se transformando em imagens mentais quando alcançam o público. Ou seja, ao serem transmitidas por diferentes suportes físicos elas são significadas pela mente humana e logo passam a compor outros suportes físicos criados, também, pela atividade humana. Imagens materiais e imateriais não permanecem confinadas em categorias distintas, mas possuem uma relação de transmissão contínua entre estes dois suportes possíveis: os físicos e os mentais. Desta forma, estudar imagens veiculadas em suportes midiáticos torna-se uma ferramenta de apreensão sociocultural e potencialmente uma forma de ação política. Destaco esta fala de Mitchell para ressaltar que a figura da empregada doméstica não raramente esteve contemplada em diferentes suportes entretenimento, principalmente quando se tratou de produções de humor. Programas televisivos de exibição nacional como *Os trapalhões* (1969), *Sai de baixo* (1996), *A diarista* (2004), *Toma lá da cá* (2007), a telenovela *Cheias de Charme* (2012), além das incontáveis telenovelas brasileiras, que contaram com a figura da empregada uniformizada, muitas vezes interpretada por uma atriz

afrodescendente, cuja participação recorrentemente é associada à temática do assédio/adultério ou ao núcleo humorístico. Uma breve pesquisa em site de buscas demonstra o quanto a relação patroa-empregada vem sendo utilizada nos enredos de humor e comprova o quanto esteve e permanece presente no imaginário brasileiro. A imagem da empregada doméstica atrelada à relação que constitui com a patroa, num contexto de racismo institucionalizado como experiência o Brasil, cuja prática da escravidão por cor perdurou até pouco mais de um século atrás, parece acionar uma caricatura fácil e de amplo alcance no país.

Estes exemplos servem para nortear a explicação de por que as imagens devem ser uma preocupação de estudiosos que procuram respostas e soluções para as questões socioculturais. Em *Teoria de la Imagen* (2011), Mitchell destaca que a teoria da imagem ganha relevância a medida que se relaciona a ideia de representação e esta, por sua vez, encontra-se atrelada à demandas político-culturais. Para ele as questões culturais encontram-se inseparáveis das questões de representação, ou a forma como textos, imagens e sons são disseminados a um público de massas. As formas como as mudanças na representação e na comunicação acabam por alterar também a experiência humana é uma asserção de Mitchell que corrobora em grande medida com a preocupação que tenho colocado sobre as tirinhas *Waldirene A AM*, analisadas neste trabalho. Quais são as imagens utilizadas pelo cartunista Sérgio Bonson para retratar a empregada doméstica Waldirene? O que estas imagens podem revelar sobre o público leitor do jornal, mesmo sem um acesso direto ao mesmo? De acordo com o autor, problemas de gênero, raça e classe, bem como a produção de verdade, beleza e excelência, convergem em questões relativas à representação. Portanto as tensões entre representações visuais e verbais – constituintes da representação – não podem desligar-se das lutas que ganham lugar na política cultural e na cultura política (MITCHELL, 2009, p.11).

Para Mitchell, dar imagem a uma teoria sobre imagem não significa dar poder às imagens, mas sim saber o que estão fazendo as imagens em nossa cultura e, portanto entendê-las. Discutir a interação entre imagem e linguagem trata de chamar atenção para as questões referentes ao poder. Àqueles que se colocam céticos perante a importância de se desenvolver uma teoria da imagem, o teórico sugere que reflitam sobre a asserção, lugar comum, de que vivemos em uma cultura da imagem, uma sociedade de espetáculo, em um mundo de semelhanças e simulacros (2009, p. 13).

Como as imagens são criações da sociedade onde estão inseridas, parece estranho pensar que elas estejam fora do nosso controle, as questões de agência e poder são cruciais para entender o funcionamento das imagens. Neste sentido, a relação que se constitui entre imagem e discurso pode ser percebida como uma relação de poder e por isso compreender os efeitos da mediação que se concretiza entre imagem e discurso parece uma ferramenta bastante eficaz no mapeamento de agências e poderes vigentes em sociedade.

Mitchell argumenta que qualquer estudo sobre representação visual não deveria se privar de travar relação com a linguagem, reiterando verdadeira recíproca. Desta forma, os estudos literários têm demasiado a ver com os estudos de cinema, televisão e cultura de massas. Para o autor o próprio conceito de cultura sofre uma mudança radical quando passa da relação texto/leitor para a de imagem/espectador.

O termo representação é utilizado pelo autor, não por acreditar que esta seja uma categoria generalizante e homogênea, mas do contrário, porque dentro dos estudos culturais o termo possui tradição e ativa uma série de noções políticas, semióticas/estéticas a até econômicas (MITCHELL, 2009, p. 14). Pickering, neste sentido, ressalta que a representação também interfere na forma como determinados membros de grupos sociais ou categorias veem a si mesmo e experienciam o mundo social a sua volta (2001, p. xiii). É certo que esta análise visa reconhecer a distância entre a auto narrativa que estas mulheres têm a fazer de si mesmas e as diferentes representações artísticas de sua ocupação que são construídas por uma visão alheia. No caso das tirinhas do cartunista esta visão alheia é traduzida em estereótipos.

Ferramenta bastante comum no humor, os estereótipos podem ser encarados como um recurso de análise cultural uma vez que constituem “representações coletivas estabelecidas” segundo a definição de Alain Deligne (2011, p. 29). O tema dos estereótipos figura bastante presente nos trabalhos de pesquisadores de humor, pois, conforme ressaltou Zink, constituem “um mapa que ajuda a ver a realidade” uma vez que é um instrumento de conhecimento para uma sociedade carregada de imagens, espetáculos e informações (2011, p. 48). Ao tratar de estereótipos é importante atentar também, não apenas quem fala e para quem fala, mas como levantou Pickering, relacioná-los com as concepções do que é tido como ‘natural’ ou ‘normal’, ou como os estereótipos, em potencial, criam e sustentam um senso comum do que é aceito como

legítimo ou certo (2001, p.xvi). A complexidade do tema se assenta não apenas em como um texto ou imagem é construída, mas como é compreendida socialmente. Uma análise crítica do humor, neste sentido, busca reconhecer a sociedade na qual os estereótipos, por ele acionados, estão inseridos. Partindo da premissa de que quando se trata de mídia, cada pessoa compreende de uma forma, as perguntas de quem, onde, quando e em que momento histórico esse público estava se engajando com as imagens e textos disseminados tornam-se essenciais. É por isto que Pickering levanta que em qualquer estudo crítico dos estereótipos, uma dimensão histórica é vital para o entendimento de como uma sociedade adquiriu sua carga simbólica de significados e valores e como estes se arrastam pelo tempo em uma complexa relação de continuidade e ruptura (2001, pp.xiv-xv).

Com o intuito de situar o momento histórico e político que passava o Brasil no momento em que estavam sendo produzidas e publicadas as tirinhas de Sérgio Bonson, a primeira parte deste trabalho se destina a localizar o leitor ou leitora historicamente sobre a situação do Brasil na década de 1980. Além disso, trago uma reflexão sobre o trabalho doméstico e a própria definição sobre a qual vem sendo construídos os pilares do serviço doméstico tanto no que toca sua relação com o sistema capitalista e a concepção de modernidade, quanto seu desenvolvimento a partir do modelo racista de escravidão no Brasil. Neste primeiro momento já elenco algumas tirinhas que se relacionam com o contexto político e econômico para aproximar a contextualização das fontes a serem analisadas nos capítulos subsequentes.

Atenta ao fato de que os estereótipos ao mesmo tempo reforçam e constroem, o segundo capítulo deste trabalho visa analisar 9 tirinhas de autoria de Bonson, publicadas no jornal *O Estado*, durante os anos de 1986 até 1989. A partir desta seleção analisarei as ferramentas utilizadas pelo cartunista para mobilizar o humor, dando destaque aos estereótipos e subjetividades acionadas na construção da imagem da empregada doméstica.

No terceiro e último capítulo, analiso 9 tirinhas nas quais é possível debater o posicionamento do cartunista na construção de uma empregada doméstica, ciente do lugar que ocupa e lançando mão de estratégias de sobrevivência perante o poder da patroa. Neste capítulo como em todo o trabalho, busco relacionar os enredos utilizados pelos cartunista com dados sobre a realidade na qual viviam as empregadas domésticas.

# Capítulo 1

## Localizando o objeto

### 1.1 O meio: *O Estado*

O primeiro jornal a alcançar todo o estado de Santa Catarina, *O Estado*, fundado em 1915, surge com objetivos político-partidários. Como uma empresa familiar, até meados dos anos de 1970, quando passa a atender todo o estado, o jornal substancialmente existia como instrumento de poder dentro do contexto político da capital catarinense (BUDDE, 2017, p. 17). A partir de 1970 quando passou por um processo de inovação tanto editorial quanto tecnológica, *O Estado* chegou a ser o periódico mais importante de Santa Catarina (BUDDE, 2017, p. 26). Antes disso a equipe do jornal era composta por profissionais de diferentes áreas e seu alcance não atingia muito além da capital catarinense e algumas regiões metropolitanas. Após a modernização do maquinário e contratação de uma série de jornalistas e colunistas, o jornal *O Estado* viverá seus anos áureos nas décadas de 1970 e 1980, momento em que o cartunista Sérgio Bonson passa a fazer parte da equipe.

A perspectiva de um jornalismo como serviço público e que, portanto, serve aos interesses públicos passa a se tornar presente na modernizada versão do jornal. É importante destacar que ainda que se fale em “interesses públicos”, estes provavelmente correspondiam aos interesses da classe consumidora do periódico representada pelas elites catarinenses. Segundo a pesquisadora Liane Budde, aos poucos, o jornal foi transitando de um diário essencialmente político para um de informação geral e não mais basicamente um atuante de propaganda política, ainda que sempre atrelado aos interesses do seu proprietário (2017, p. 39). A partir de 1983, o jornal em crescimento adquiriu uma máquina que permitiu aumentar o número de páginas, possibilitou a impressão em tabloide, além da principal novidade da época: impressão em cores (BUDDE, 2017, p. 40). Desde a fase de modernização no início da década de 1970 até 1989 o jornal apresentaria o que foi considerado o seu melhor jornalismo trazendo notícias de repercussão além daquelas que expunham as contradições sociais de Florianópolis ao enaltecer as belezas da Ilha e os problemas de infraestrutura.

A década de 1980 consolida-se como uma das mais importantes para o jornal, bem como se destaca nesta análise, uma vez que as tirinhas de Bonson passam a ser publicada a partir de maio de 1986. Ou seja, é esperado que houvesse uma coerência entre a seção editorial e a seção de entretenimento que, na década em questão era intitulada *Caderno 2*. Como as tirinhas de Bonson eram as únicas de produção local que figuravam no *Caderno 2*, o contexto e o posicionamento político do jornal se tornam importantes, pois como parte da equipe, o trabalho de Bonson encontrava consonância com o restante do jornal. A estreia das tirinhas do cartunista coincide com a inauguração do periódico, *Diário Catarinense*, que se consolidará como o maior concorrente para *O Estado*, vindo a ser responsável, inclusive pela derrocada do jornal que passa a demonstrar sinais de decadência a partir de 1989, não aguentando o profissionalismo e as estratégias de mercado do concorrente.

Dentro do jornal as tirinhas de Bonson passam a ocupar o *Caderno 2* a partir de maio de 1986. O chamado *Caderno 2* era a parte do jornal dedicada a agenda de entretenimento: anúncios de cinema, teatro, shows, tirinhas, horóscopo, jogos interativos, colunas sociais, etc. Logo antes da estreia de *Waldirene A AM* o jornal contava com cerca de cinco tirinhas advindas de cartunistas de âmbito nacional e internacional, todas elas juntas ocupavam cerca de 1/6 da página onde estavam localizadas. Destaco este detalhe, pois quando as tirinhas de Bonson passam a ser incorporadas ao *Caderno 2* elas aparecem em um tamanho maior do que as demais, no meio da página, nitidamente ocupando uma posição de destaque perante às outras. Cerca de um ano depois da primeira tirinha *Waldirene A AM*, o jornal já conta com 8 tiras cômicas diferentes tendo quase metade de uma página inteiramente destinada às expressões gráficas de humor. Neste momento as tirinhas de Bonson aparecem junto das demais, porém sempre acima, ocupando o topo da página. Já em meados de 1988 as tirinhas têm o tamanho sutilmente aumentado e o número diminui para quatro, figurando na base da página. As tiras cômicas seguem sendo alteradas de posição durante todo o período em que estão sendo publicadas, em meados de 1989 o jornal traz apenas duas, sendo que as de Bonson são as únicas de produção local e sempre destacadas das demais.

A importância de conhecer parte da história do periódico se atrela à necessidade de buscar desvendar um pouco mais acerca do público consumidor do jornal e conseqüentemente das tirinhas, pois eram estes que iriam responder ao humor ilustrado

por Bonson. Ao criar uma representação caricata de empregada doméstica, o cartunista conversava com famílias que, em sua maioria, muito provavelmente viam circular dentro de suas casas Waldirenes cuja presença dava vida e sentido às representações criadas pelo cartunista.

## **1.2 O contexto sociocultural: Brasil nos anos 1980**

Para que localizemos as tirinhas não só diacronicamente, mas também política e culturalmente é importante que saibamos que, na segunda metade dos anos 1980 estamos tratando de um Brasil que oficialmente acabara de sair do período regido ditatorialmente pelos militares. É certo que, em se tratando de mudanças culturais e políticas torna-se difícil tomar marcos definidos historicamente por disputas narrativas como definitivos, uma vez que no âmbito sociocultural as mudanças são, na maioria das vezes, lentas e graduais. Sendo assim, a ditadura militar e o contexto da redemocratização ganham relevância para este trabalho.

O país vinha encarando um processo de reabertura política desde 1978 quando o general Ernesto Geisel assinou o fim dos atos institucionais iniciados no final da década de 1960, durante a ditadura militar. Em 1979, Geisel passou a faixa presidencial para aquele que viria ser o último presidente militar da ditadura, já anunciando a gradual abertura política. É durante a gestão de João Figueiredo que é assinada a lei de anistia, permitindo aos exilados políticos retornarem ao país. Em 1985 as tensões pelo fim do regime comandado pelos militares se acirram ainda mais. Partidos da oposição, artistas, jogadores de futebol e boa parte da sociedade civil passam a tomar as ruas exigindo o direito de eleições diretas para presidente. O marco do fim da ditadura é considerado, então, 1985, o ano em que é eleito pelo congresso – ou seja, ainda indiretamente – o primeiro presidente civil, desde 1964, Tancredo Neves. Perante a uma grande comoção nacional, o presidente eleito pelo congresso, acometido por uma doença grave, vem a falecer antes de assumir, fazendo com que seu vice, José Sarney, assumisse a presidência do país. Ao cabo, um político oriundo das elites brasileiras e não muito distante dos seus antecessores; os militares (Cf. SKIDMORE, 1999, pp. 184-190).

O governo de José Sarney foi marcado por uma constante instabilidade econômica e pela promulgação da atual constituição brasileira em 1988. A Constituição foi considerada uma vitória para população, garantindo direitos humanos e civis com

grande participação externa no congresso. De alguma forma, 1988 pode ser considerado um marco de ruptura com a ditadura ainda mais importante do que a própria eleição indireta de 1985.

Imagem 1: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 19 out. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Destaco a tirinha acima, pois nela Bonson retrata Waldirene lendo a nova Constituição brasileira, promulgada em 1988, e isto dá indícios de como o assunto esteve presente no debate público. A cena inicia com Waldirene sentada na cozinha, ambiente que, como veremos, se apresentará quase como *habitat* natural da personagem. Ao perceber Waldirene concentrada na leitura, Dona Heloísa, sua patroa, entra em cena: “Hum... Que que você tá lendo aí, toda interessada?” Ao que Waldirene responde no quadrinho seguinte: “A nova constituição. Ela é ótima: Dá pra gente FGTS, 13º, férias...” “...e o direito de fazer arroz com ovo 3 vezes por semana!”. A tirinha termina com Waldirene animadamente lançando dois ovos na frigideira, enquanto sua patroa a assiste com uma feição enfezada. Fica evidente a relação de otimismo para com a recém promulgada Constituição, uma vez que Waldirene se refere a mesma como “ótima” e em seguida sai enumerando uma série de melhorias que a Constituição traria à sua profissão. A Constituição, de fato, viria a consolidar e incrementar muitos dos direitos trabalhistas já assegurados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) emitida durante a ditadura do Estado Novo sob o comando de Getúlio Vargas, em 1943. Todavia, o discurso de Waldirene não condiz exatamente com a realidade, como a ironia utilizada no último quadrinho da tirinha pode denunciar. Ainda que a Constituição tenha garantido às empregadas domésticas o direito ao 13º salário e às

férias, o FGTS [Fundo de Garantia por Tempo de Serviço], só viria a ser incorporado aos direitos das trabalhadoras domésticas em 2013, quando, finalmente, estas passarão a contar com os mesmos direitos que outros grupos de trabalhadores brasileiros. A Constituição, contudo, configurou-se como um avanço para a história do trabalho doméstico remunerado no Brasil, contribuindo para uma melhora parcial na condição da categoria e principalmente na condição de cidadã brasileira, com a qual a empregada pode ter se visto contemplada. Segundo a pesquisa empenhada por Hildete Pereira de Melo, somente com a promulgação da Constituição de 1988 a Associação Profissional dos Empregados Domésticos do Rio de Janeiro pôde transformar-se em sindicato. Antes disso não se reconhecia o direito de sindicalização desta categoria, tendo tido seu pedido rejeitado três vezes antes da promulgação da Constituição (1998, p.10). A piada, contudo, se localiza no último quadrinho quando Waldirene revela aos leitores e leitoras o verdadeiro motivo de sua empolgação com a nova Constituição: o direito de fazer arroz com ovo<sup>11</sup> três vezes na semana. Ou seja, desta forma, o cartunista localiza junto com a lista de benefícios consolidada à algumas categorias de trabalhadores o direito da empregada fazer um prato de fácil execução, ativando assim um estereótipo da empregada preguiçosa, o qual também aprofundarei mais adiante.

Com um aumento crescente da dívida externa e uma inflação fora de controle, a situação econômica do Brasil ia mal, na segunda metade da década de 1980. Segundo o brasilianista Skidmore, o país conviveu com altos índices inflacionários desde o fim da Segunda Guerra Mundial, porém as flutuações cambiais que atingiram o país nesta segunda metade da década de 1980 não encontram precedentes na história do país (1999, p. 193). Esta crise econômica, sem dúvida, foi um dos problemas mais marcantes enfrentados pela população brasileira no período, a inflação cambiante foi algo que marcou a memória daqueles que viveram a década de 1980, sendo lembrada até os dias de hoje. Os preços dos produtos de consumo diário como alimentos, combustível, etc. flutuavam drasticamente fazendo com que a crise fosse sentida e vivida na rotina das famílias brasileiras. Como consequência dessa situação, até os dias atuais, a população das classes mais baixas conserva o hábito de ir ao supermercado e comprar o alimento que será consumido durante todo o mês, logo após o recebimento do salário. O hábito surgiu em um momento no qual a inflação desvalorizava os ordenados e

---

<sup>11</sup> O “arroz com o ovo” no contexto das tirinhas *Waldirene A AM*, significa fazer referência a um prato extremamente barato e de fácil exequibilidade. Para a empregada que tinha de cozinhar todos os dias, fazer arroz com ovo era colocar pouco esforço na hora de executar seu trabalho.

consequentemente prejudicava o abastecimento de itens básicos, como leite, arroz e feijão.

O tema também esteve presente nas tirinhas de Sérgio Bonson, permeando os roteiros de todas as personagens como mostra a tirinha a seguir protagonizada por Waldirene:

**Imagem 2: Waldirene A AM**



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 08 nov. 1986. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

A tirinha inicia com a fala de alguém que ainda não aparece em cena e surpreende a doméstica Waldirene que se encontra na cozinha da casa onde trabalha descascando batatas acompanhada de seu rádio. “Mãos ao alto!”, diz a ordem que vem de um assaltante que logo aparece no segundo quadrinho avisando que se trata de um assalto. Waldirene assustada e com as mãos erguidas responde resignada “Tudo bem, moço! Mas... Só não toca no queijo, no presunto e no palmito!”. O assaltante, por sua vez, parece surpreendido com o pedido de Waldirene, como se percebe por sua expressão de espanto. A carestia de produtos comestíveis é utilizada por Bonson nessa tirinha para acionar o humor ao surpreender o público que esperava que Waldirene fosse defender produtos mais valiosos do que os de ordem alimentícia e até banal como queijo, presunto e palmito. Vale ressaltar que a piada também reside no fato de que Waldirene é uma personagem oriunda das classes pobres e este fator se soma a carestia do produtos, em si, uma vez que para uma mulher pobre, certas comidas como o palmito, que é conhecido por ser um produto caro, apresentam-se mais valiosos do que para as pessoas de classe média e alta que constituía o público consumidor do jornal.

O contexto econômico do Brasil na década de 1980 trouxe muitas consequências à organização sociocultural. Segundo Skidmore, os brasileiros que eram famosos por sua lealdade ao país, estavam escolhendo partir (1999, p. 197). Ainda que a taxa de saída tenha representado menos de 1%, foi surpreendente e contou com a partida de muitos brasileiros enérgicos e talentosos caracterizando uma perda dolorosa ao país (SKIDMORE, 1999, p.197).

O quadro era de uma desesperança generalizada com o futuro. O *boom* econômico vivido na década de 1970, durante o governo dos militares, aumentou a renda dos brasileiros, porém fez aumentar ainda mais a desigualdade social fazendo com que a população pobre recebesse mais dinheiro, mas os ricos ainda muito mais (SKIDMORE, 1999, p. 198). Este fator fez com que, na década de 1980, aqueles que se encontravam na base da pirâmide de distribuição de renda caíssem ainda mais. Com o aumento da pobreza veio o aumento da criminalidade. Investidas e assassinatos por parte da polícia sobre crianças de rua e toda uma população marginalizada passou, cada vez mais, a compor a rotina dos brasileiros e brasileiras. Esta sumarização do contexto social brasileiro é importante para que nos ajude a localizar melhor o lugar onde se encontravam os trabalhadores e trabalhadoras e a elite no momento em que estão sendo produzidas as tirinhas de Bonson. Segundo Skidmore, o combate ofensivo às populações marginalizadas fez com que reforçasse perante as elites a ideia de que as classes baixas representavam sempre uma ameaça e ao invés de merecedoras de alguma assistência, eram apenas perigosas (1999, p.200). O resultado, para o historiador, foi uma alternância de foco, por parte do governo, dos trabalhadores para os “marginais” fazendo com que se tornasse fácil ignorar a árdua situação em que se encontrava a classe trabalhadora no Brasil (SKIDMORE, 1999, p.200).

No que se refere às mulheres na sociedade brasileira, Skidmore, destaca que com a ascensão dos militares após o golpe de 1964, a caricatura da tradicional dona de casa foi o papel reforçado pela manipulação política e midiática ao passo que as poucas organizações feministas existentes foram se tornando invisíveis junto à repressão generalizada enfrentada pela esquerda (1999, p. 204). Ironicamente, segundo o brasilianista, dois fatores fizeram com que as mulheres contestassem o papel tradicional que as vinha sendo imposto. O primeiro deles se relaciona com o fato de que muitas mães tiveram seus filhos torturados ou desaparecidos durante os primeiros anos da gestão militar. A brutalidade deste fato fez que com muitas mulheres, em solidariedade

umas às outras, se unissem em protesto. Com a diminuição da censura no final dos anos 1970, estas mulheres organizaram amplos protestos que anunciaram o prenúncio para um novo ativismo político dentre as mulheres da elite. Foi também neste momento que as mulheres passaram a conquistar espaço dentro do mercado de trabalho das profissões que sempre contaram com a hegemonia masculina (SKIDMORE, 1999, p. 204).

O segundo fator que teria contribuído para o crescimento do movimento, foi o crescimento no número de mulheres ativamente econômicas durante a década de 1970 de 18,5 para 26,9 por cento. Segundo Skidmore, o rápido crescimento econômico pelo qual o Brasil passou depois de 1968, foi devido também à compressão real dos salários (1999, p. 204). Como as mulheres estiveram sempre responsáveis pela gestão dos lares a diminuição dos salários fez com a diminuição do poder de compra fosse fortemente sentida pelas mesmas, levando-as a organizarem movimentos como o “Movimento Custo de Vida” o qual levou muitas mulheres a romperem com o temor perante às autoridades ao mesmo tempo em que conquistavam confiança nas ações conjuntas. No ano de 1984, 60.000 mulheres que trabalhavam arduamente no meio rural se uniram reivindicando melhores pagamentos e benefícios médicos e educacionais para suas famílias (1999, p.205). O sucesso obtido pela união das boias-frias<sup>12</sup>, mesmo que não intencionalmente, só fez politizar ainda mais os movimentos feministas no Brasil.

O saldo do crescimento do movimento feminista nas décadas de 1970 e 1980 destaca duas perspectivas significantes. A primeira delas é que um setor de mulheres brancas e de elite emergiu e passou a desafiar a hegemonia branca e masculina. A segunda, conforme Skidmore, é que, sem dúvida, surgiram mobilizações dentre a classe de mulheres trabalhadoras, tanto advindas do meio rural quanto urbano. Convém salientar neste trabalho que algumas vezes estes movimentos convergiam e cooperavam entre si, porém ainda mais frequentemente estas organizações eram segmentadas por questões referentes à classe, cor e ideologia.

### **1.3 Trabalho Doméstico: Um pouco de história**

O trabalho doméstico e conseqüentemente o trabalho doméstico assalariado, há muito tempo, vem sendo definido historicamente como trabalho de mulher e

---

<sup>12</sup> Boias-frias foi como ficaram conhecidos os trabalhadores rurais que vivem em constante migração de acordo com os ciclos agrícolas. A alcunha de boias-frias vem do fato de carregarem seu almoço (boia) no trabalho durante longas distâncias e quando era o momento de comer, a comida já se encontrava fria.

competência de mulher. Segundo a cientista política Flávia Biroli, esta declaração seria consequência da divisão sexual do trabalho cujo desenvolvimento desponta como um dos principais temas para se discutir as hierarquias que posicionam classe, gênero e raça no Brasil (2018, p.21). O problema da divisão social do trabalho estaria na gênese de dois sistemas que se sobrepõem e incidem um sobre o outro, como apresentado por Christine Delphy, o capitalismo e o patriarcado (APUD, BIROLI, 2018, p. 27). Para estas autoras a solução para o problema de quem ficaria com as crianças, doentes, idosos e pessoas com necessidades especiais acabou recorrendo a uma saída generificada e em benefício dos homens. Segundo a teoria levantada por estas mulheres em meados das décadas de 1970 e 1980 “a responsabilização desigual de mulheres e homens por um trabalho que se define, assim, como produtivo e não remunerado seria a base do sistema patriarcal no capitalismo.” (2018, p. 28). O patriarcado, portanto, teria se desenvolvido sobre esta premissa da divisão sexual do trabalho numa estrutura de exploração do trabalho das mulheres pelos homens uma vez que o trabalho prestado pelas mulheres – reprodução e criação das crianças e manutenção das tarefas domésticas – consistiu e consiste em um trabalho não remunerado, diferente do trabalho que será exercido pelos homens no âmbito da vida pública. Ou seja, o trabalho gratuito fornecido pelas mulheres permitiu e ainda permite aos homens ficarem livres para exercerem o trabalho remunerado.

Corroborando com a contextualização trazida por Skidmore, Biroli ressalta que deste a década de 1970 até o início do século XXI os índices identificados, não só no Brasil mais em outros países latino-americanos, despontaram um aumento substancial no número de mulheres consideradas economicamente ativas, passando de 18,5 para 59 por cento em 2005 (2018, p.01). É importante ressaltar que como levantado anteriormente o trabalho doméstico nunca foi encarado como forma de economia ativa e ao dizer que as mulheres passam a se inserir nos trabalhos considerados economicamente ativos, não estamos dizendo que as mulheres não desempenhavam papéis no desenvolvimento econômico do país, mas sim que passaram a disputar os espaços profissionais, antes apenas ocupados pelos homens.

A história, portanto, nos permite entender porque 98% das pessoas que exercem trabalho doméstico remunerado no Brasil são mulheres.<sup>13</sup> A divisão sexual do trabalho é

---

<sup>13</sup> BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades:** os limites da democracia no Brasil. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018, p.22.

um fato, em si, às mulheres foi destinado o trabalho. E é quando passamos a tratar do trabalho doméstico remunerado que entendemos como as camadas de classe a raça passam a complexificar o debate em torno do tema. Enquanto que o trabalho doméstico foi destinado à todas as mulheres, o trabalho doméstico remunerado foi e é destinado às mulheres pobres. É nesse ponto que, segundo Biroli, “a divisão sexual do trabalho se funde com as hierarquias entre mulheres, permitindo padrões cruzados de exploração” (2018, p. 22). Como dito anteriormente a inserção das mulheres no dito mundo dos trabalhos formais, antes apenas ocupados pelos homens, trouxe a necessidade de substituir a mão de obra antes gratuita ofertada por muitas mulheres. Em uma matéria da *Agência Brasil* destinada ao impacto da implementação da lei de 2015, a advogada do sindicato, Nathalie Rosário profere uma fala enaltecendo esta terceirização de mão-de-obra: “[...] Com a crescente igualdade de mulheres no mercado de trabalho, **muitas precisam** de empregados domésticos que cuidem de sua residência, assim como cuidador, babá. Logo, é uma profissão que está longe de ser extinta [grifo meu]”.<sup>14</sup> É interessante que em sua fala a advogada coloque que a partida das mulheres para o mercado de trabalho as coloca em situação de necessidade de encontrar uma substituta para a realização das tarefas que antes eram exercidas por elas. No que se refere ao mundo do trabalho os avanços na luta por igualdade de gênero é apenas parcial, uma vez que as mulheres continuam encarregadas em gerir as tarefas domésticas. As mulheres pobres passam a ser contratadas para executar este serviço e as mulheres ricas mantêm a responsabilidade de encontrar uma substituta para tal. Ao dizer que as mulheres precisam encontrar alguém que cuidem das residências, continua-se retirando dos homens qualquer responsabilidade para com as tarefas domésticas. Como se as mulheres, a quem foram igualmente encarregadas do trabalho doméstico, tivessem de se responsabilizar por terceirizar um trabalho que originalmente foi atribuído a elas como função natural. Esta observação talvez ajude a compreender porque quando se trata de representar artística e/ou cômica esta relação de trabalho, a caracterização recai sobre o conflito patroa-empregada enquanto que a interação entre patrão e empregada é majoritariamente caracterizada por uma interação assediada.

Em minucioso trabalho sobre a mulher na sociedade de classes, Heleieth Saffioti destaca que a solidariedade entre as mulheres dentro de uma categoria determinada pelo

---

<sup>14</sup> PEDUZZI, Pedro. Avanços e desafios marcam o dia da empregada doméstica. Matéria escrita para o portal *Agência Brasil*, 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-04/avancos-e-desafios-marcam-o-dia-da-empregada-domestica>. Acesso em: 24 Set. 2019.

sexo torna-se mais difícil, uma vez que esta se encontra subordinada à condição de classe de cada uma. “Se as mulheres da classe dominante nunca puderam dominar os homens de sua classe, puderam, por outro lado, dispor concreta e livremente da força de trabalho de homens e mulheres da classe dominada.” (SAFFIOTI, 1976, p.45). É neste sentido que Biroli destaca que é somente na conjugação gênero, classe e raça que é possível ter uma real dimensão do que o tema representa para a sociedade brasileira uma vez que na pirâmide de renda assim como no acesso a postos de trabalho, escolarização e profissionalização, são as mulheres negras que ocupam o estrato mais pobre da sociedade.

Torna-se inapropriado, portanto, falar da temática das empregadas domésticas no Brasil sem levantar as questões de classe e raça que o assunto operacionaliza. Venho tratando do tema do trabalho doméstico até aqui no que se relaciona ao contexto socioeconômico do Brasil na segunda metade do século XX, para que saibamos de que Brasil estamos falando ao tratar das tirinhas aqui utilizadas como fonte, mas é certo que o tema da exploração do serviço doméstico no Brasil não data da década de 1970 e nem surge com os êxitos obtidos pelas mulheres nos movimentos feministas. Para que tenhamos plena compreensão dos papéis sociais das mulheres brasileiras desde a formação da sociedade nacional torna-se importante trazer à análise uma reflexão sobre o sistema escravista e racial que estruturou a economia e a sociedade brasileira por mais de três séculos vindo a findar oficialmente apenas no ano de 1888.

Ao tratar das formas de exploração sofridas pelos escravos e escravas, Saffioti (1978) afirma que as mulheres negras desafiavam a ordem social tanto no âmbito econômico quanto familiar mesmo que inconscientemente. Pois ao lado da exploração do seu trabalho somava-se também a exploração sexual, caracterizando desta forma o elo mais explorado do sistema escravista: as mulheres negras eram utilizadas como trabalhadoras, como mulheres e como reprodutoras da força de trabalho (SAFFIOTI, 1978). As mulheres brancas, por outro lado, eram criadas para serem as reprodutoras dos filhos legítimos. Vale lembrar que as mulheres brancas e ricas raramente saíam à rua e eram abafadas pela rigidez de sua educação, pouca instrução e sucessivas maternidades (SAFFIOTI, 1978). Vivendo, na maioria das vezes, sob a autoridade do pai ou do marido, o único lugar onde as mulheres brancas e ricas podiam exercer qualquer autoridade era sobre a escravaria doméstica. É certo que há muitos exemplos de mulheres brancas que, em muitos casos viúvas, exerceram posições de destaque na

sociedade comandando comércios, embarcações e toda a extensão da casa grande. Todavia destaco a colocação de Saffioti para pensar o modelo de imaginário que circundava os papéis socioculturais levados a cabo no Brasil colonial, e é neste sentido que destaco um modelo de mulher branca pressionada pela rigidez dos ditames patriarcalistas.

Em um livro destinado a analisar as representações de empregadas domésticas tanto na literatura quanto em depoimentos realizados pelas próprias empregadas, Sônia Roncador se debruça sobre entender como as classes dominantes criaram este grupo como subalterno através do tempo. A pesquisadora empreendeu uma pesquisa que buscou cobrir a emergência, numa sociedade pós-escravista, das pejorativamente chamadas *criadas*, e seu desenvolvimento até a condição de trabalhadoras domésticas no final do século XX. Para Roncador é preciso atentar para o emprego de representações tomadas emprestadas dos discursos políticos e científicos dominantes para um pleno entendimento do que a classe de trabalhadoras domésticas representa no Brasil (2014, p.03). Ou seja, assim como Roncador, entendo que uma análise voltada à classe de trabalhadoras domésticas no Brasil, fornece subsídios para compreender também traços das classes dominantes que sempre estiveram a forjar as classes subalternas como “o outro”.

A combinação de servidão e negritude no Brasil é um fato indiscutível, uma vez que, em comparação aos outros países latinos americanos, o país recebeu quase 40% de todos os escravos e escravas negras transportadas pelo tráfico atlântico e por consequência disso, o maior número de escravas e afrodescendentes livres no serviço doméstico (RONCADOR, 2017, p.4). Ou seja, ainda que outras etnias tenham composto a população de trabalhadoras domésticas, no Brasil colonial, o tema se associa diretamente com a população afrodescendente. Segundo Roncador, nem mesmo a chegada dos imigrantes europeus ao Brasil no século XIX fez diminuir a exploração das elites brasileiras sobre a mão-de-obra barata da população negra e pouco instruída dissidente do regime escravista, cujo número só fez crescer mesmo com a suspensão do tráfico em 1851 (2017, p. 04).

Como histórica e ideologicamente o fundamento da servidão foi construído sobre uma lógica de subordinação, primeiramente racial, não foi difícil relacionar a profissão de empregada doméstica à esfera da população tida como mais desqualificada.

Aliado ao discurso científico que conferia a população afrodescendente características pejorativas à sua cor, associou-se às ex escravas, os serviços encarados como moralmente degradantes como limpar a sujeira alheia.

O desenvolvimento da lógica de serviço degradante atuou na construção da imagem de um empregado invisível, silencioso e sem inteligência. Partindo do pressuposto de que o lar burguês detinha o modelo de civilização idealizado pela modernidade, os discursos emancipacionistas do final do século XIX, viram na servidão doméstica uma atenuante vocação para garotas moralmente corrompidas pela escravidão e pela pobreza (RONCADOR, 2017, p. 07). Ao invés de se engajarem na própria autonomia e dignidade estas jovens garotas trabalhavam à serviço da burguesia. Esta narrativa contribuiu para a construção de uma retórica paternalista, baseada na lógica do favor, afeto e duradora gratidão (RONCADOR, 2017, p. 07). Os emancipacionistas, desta forma, destaca Roncador, apenas fizeram atrasar a regulamentação do serviço doméstico por décadas, como demonstrarei adiante (2017, p.07).

Sandra Graham empreendeu uma pesquisa dedicada a cobrir a forma como criadas e empregadas domésticas conduziam tanto seu trabalho quanto sua vida privada e a maneira como eram vistas por aqueles que as possuíam ou as contratavam. Para entender a teia de significados no qual estavam circunscritas, todavia, fez com que os locais que estas mulheres ocupavam ganhassem relevância. Além disso, a pesquisadora ressalta que a compreensão da vida das empregadas exige suposições culturais: “Above all, because being a servant meant living in relation to a *patrão* or master, understanding servants’ lives requires consideration of the cultural assumptions that made daily domestic life manageable.” (GRAHAM, 1988, p.03). O mesmo, se aplica, de certa forma, à esta pesquisa. Ainda que Waldirene seja uma empregada branca, ela exerce uma profissão constituída sobre subjetividades herdadas do sistema racista sobre o qual foi constituída a escravidão no Brasil. Para Graham o serviço doméstico perpassa inclusive as diferenças entre o trabalho assalariado ou escravo quando pensado através das inúmeras possibilidades de dependência e afeto que ambas as posições podem adquirir. As diferenças na condição de doméstica que estas ou aquelas podem enfrentar podem ser pequenas, uma vez que longas horas de trabalho exaustivo, quartos úmidos, dieta inadequada ou doenças relativas à vida de trabalhadoras pobres são condições familiares a ambas as situações (GRAHAM, 1988, p.07).

Entender a relação social que constitui a dialética senhor/escravo requer, portanto, uma investigação apurada sobre os aspectos histórico culturais que constituem essa relação. Anne McClintock (1995) em seu livro *Imperial Leather* realiza um estudo meticuloso e inovador em cima dos relatos pessoais de um casal que manteve uma relação amorosa e clandestina por mais de 20 anos na Inglaterra Vitoriana. O casal constituído por uma empregada doméstica e um homem burguês manteve um relacionamento de muitos anos, baseado em diversos fetiches oriundos da dialética senhor/escravo. McClintock, por sua vez, se propõe a explorar o fetichismo para além da reduzida explicação psicanalítica de Sigmund Freud, que se resume a uma única narrativa masculina conhecida em sua famosa teoria da castração. “I wish to challenge the primacy of the phallus in the realm of fetishism and open the Freudian and Lacanian theories of fetishism to a more varied and complex history in which class and race play as formative a role as gender.” (McClintock, 1995, p.138). Em outras palavras, para a autora, as estruturas que sustentam o fetichismo cujo relacionamento se constituiu sobre, se desenvolvem sobre um culto a domesticidade que coloca em jogo questões de classe, gênero e raça. Dentre outras características a pesquisadora explora o fetiche sobre a sujeira. Dos rituais mais explorados pelo casal incluíam-se os que representavam a empregada em proximidade com a sujeira: limpando os pés e as botas dele, dando banho no amante e pousando para fotografias, nas quais a empregada utilizava trajés relativos à sua profissão ao mesmo tempo em que lançava mão de suas ferramentas de limpeza. A sujeira, portanto, surge na investigação como uma das características socioculturais que alimentavam os fetiches senhor/escravo. Segundo McClintock, na cultura vitoriana a relação corporal com a sujeira representava uma relação social com o trabalho (1995, p. 153). A classe média no século XIX buscou deslegitimar o regime aristocrático diferenciando destes por conquistarem suas formas de viver e se diferenciando, ao mesmo tempo, da classe trabalhadora por possuir uma propriedade (McClintock, 1995, p. 153). A distinção entre classe média e classe trabalhadora se apresentou como um empenho levado a cabo pela emergente burguesia, o qual colocou demasiada importância na sujeira. Seus membros, neste sentido, especialmente as mulheres, não deveriam transparecer em seus corpos as evidências do trabalho manual que a sujeira representava (McClintock, 1995, p. 153). A sujeira passou a ser, por definição, inútil por se alocar fora da lógica da comercialização.

Smeared on trousers, faces, hands and aprons, dirt was the memory trace of working class and female labor, unseemly evidence that the fundamental production of industrial and imperial wealth lay in the hands and bodies of the working class, women and the colonized. Dirt, like all fetishes, thus expresses a crisis in value, for it contradicts the liberal dictum that social wealth is created by the abstract, rational principles of the market and not by labor. For this reason, Victorian dirt entered the symbolic realm of fetishism with great force (McClintock, 1995, p. 154).

Neste sentido, levanta a autora, a iconografia do século XIX desenhava as fronteiras entre o que seria normal ou sujo no que se refere sexualidade, trabalho e dinheiro. Sexo sujo, trabalho sujo e dinheiro sujo significava tudo aquilo que transgredia a lógica mercadológica, patriarcal.

Like prostitutes and female miners, servants stood on the dangerous threshold of normal work, normal money and normal sexuality, and came to be figured increasingly in the iconography of “pollution,” “disorder,” “plagues,” “moral contagion” and racial “degeneration.” (McClintock, 1995, p. 154).

Trago à análise estas passagens de McClintock para que reflitamos sobre o imaginário que circunda a profissão da mulher responsável por limpar a sujeira das classes médias e altas no Brasil. A forma como esta ocupação se transformou numa das profissões mais mal remuneradas e indignas tem muito que ver com a história que a constitui e toda a lógica colonialista e capitalista desenvolvida sobre os parâmetros europeus de modernidade, tão profundamente espalhados e enraizados por todo o continente americano no processo de colonização. Desta forma, ainda que McClintock faça uma análise da Inglaterra Vitoriana, partindo da premissa de que os paradigmas da modernidade foram, sobretudo, constituintes da lógica que sustentou a colonização do continente americano, serve-nos para refletir o tema do serviço doméstico que se desenvolveu, sobre suas próprias peculiaridades, no Brasil. A subjetividade em torno da sujeira, dentre outros fatores, é acionado neste trabalho para contribuir com a compreensão do imaginário da natureza servil e ao mesmo tempo nunca confiável que se desenvolveu sobre as empregadas domésticas.

#### 1.4 A Realidade do trabalho doméstico no Brasil em um par de números

A lógica de trabalho “natural” feminino e esta, por sua vez, nas sociedades patriarcais, ter sido relegado apenas à esfera privada e não pública, ajuda a compreender porque o país sempre contou com uma deficiência de leis que assistissem a profissão destas trabalhadoras.

Por motivos previamente debatidos, fica difícil encontrar uma análise econômica precisa sobre os números gerados por este setor e o seu impacto na economia brasileira, uma vez que o trabalho foi historicamente alijado da lógica de mercado ou capitalista. No Brasil, a legislação que regulamenta o mercado de trabalho nacional, a Consolidação das Leis de Trabalho [CLT], organiza um modelo formal das relações assalariadas e ao separar as atividades contempladas pela lei, exclui os trabalhadores domésticos (MELO, 1998, p.02). Ciente disto, em uma pesquisa realizada desde 1985 até 1995, Hildete Pereira de Melo, aponta que ainda que a partir da década de 1970 a participação das mulheres na vida pública tenha aumentado, o serviço doméstico remunerado ainda constituía a principal ocupação das mulheres brasileiras em 1995, contando com quase 5 milhões (1998, p. 05)<sup>15</sup>. O serviço doméstico remunerado deteve um papel importante na absorção de mulheres de menor escolaridade e sem experiência profissional no mercado de trabalho, muitas vezes migrantes de áreas rurais para os centros urbanos, compondo o cenário do serviço doméstico com uma população de mulheres, necessariamente pobres. Tanto em 1985 como em 1995, em todas as regiões brasileiras as mulheres foram responsáveis por mais de 90% do setor (MELO, 1998, p.08). Já no que se refere à cor, não havia dados relativos em 1985, mas em 1995, confirmando o que já foi ressaltado anteriormente, apenas na região sul o número de mulheres brancas executando o serviço doméstico remunerado foi maior do que o de mulheres não-brancas (MELO, 1998, p.09). É interessante situar este dado, pois Waldirene aciona inúmeros estereótipos relativos à profissão, contudo é uma empregada branca. Segundo os dados do PNAD/IBGE<sup>16</sup>, 71,79% das mulheres que exerciam a profissão, na região sul, eram brancas ao passo que nas outras regiões a maioria era constituída por não-brancas (MELO, 1998, p.09). Ainda assim, em algumas tirinhas, Bonson destaca a presença de uma empregada afrodescendente. Mais uma vez ressalto que este trabalho

---

<sup>15</sup> Atualmente o Brasil ainda possui a maior população de empregadas domésticas do mundo, totalizando quase 7 milhões de profissionais.

<sup>16</sup> Pesquisa Nacional de Amostra de domicílios/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

volta-se a examinar os estereótipos utilizados pelo cartunista para construir uma personagem fictícia, mas que aciona aspectos da vida real destas mulheres que exerciam o trabalho doméstico remunerado.

É importante salientar que para além do trabalho doméstico, outras ocupações de limpeza em locais públicos ou outros estabelecimentos também absorviam mulheres que não entrariam no senso do PNAD/IBGE, mas segundo o raciocínio apontado por McClintock, ainda estariam executando as tarefas de lidar com a sujeira. Além disso, a coleta de dados executada por Hildete Melo deixa a desejar na precisão do que diz respeito à mudança nas condições em que estas mulheres executavam o serviço doméstico, sendo que este trabalho pode ser desenvolvido sob diferentes arranjos e contratos de trabalho, como por exemplo: mensalistas, diaristas, babás, mulheres que dormem nas casas dos patrões, etc. Por percepção e vivência, é bastante nítido que o número de mulheres que moravam no local de trabalho vem sendo substituído por empreitadas diárias, ou ainda, por mensalistas que não moram mais nas casas de seus patrões, experienciando um deslocamento diário de seus lares até seus locais de trabalho. O relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, publicado em 2011, confirma esta declaração: enquanto em 1995, o número de trabalhadoras domésticas que residiam em seu local de trabalho era de 12%, em 2009 este número caiu para 2,7%. (IPEA, 2011, p. 29).

A precariedade das profissões relacionadas ao trabalho doméstico apenas se confirma quando analisamos a incidência do trabalho infantil. Em 1985 a taxa de crianças trabalhando neste setor era de 9,33% ao passo que em 1995 caiu para 5,07% (MELO, 1998, p.12). Além disso, dentre diferentes categorias de trabalhadores no Brasil, o serviço doméstico remunerado, constitui a mais informal de todas. Segundo os dados divulgados por Melo, tanto em 1985 quanto em 1995 a população de trabalhadoras domésticas sem carteira assinada, representava mais de 70% do setor (1998, p. 15-16). E quando toca ao sexo a situação fica ainda pior para as mulheres, pois os poucos homens que exercem profissões de serviço doméstico representam quase o dobro da proporção de mulheres com carteira assinada ao longo da década (MELO, 1998, p.15).

Torna-se ainda mais intrigante quando se passa a analisar os dados sobre o nível de escolarização dos trabalhadores domésticos. Estes apresentam a maior taxa de

analfabetismo dentre os trabalhadores urbanos durante a década de 1985 a 1995 e há uma ligeira tendência das mulheres possuírem mais escolaridade do que os homens que exercem a profissão (MELO, 1998, p.18-19). No quesito remuneração o trabalho doméstico vem bater mais um recorde da pesquisa, ocupando a posição de pior remuneração dentre as diversas atividades de serviços analisadas pelo IBGE/PNAD, ficando atrás, inclusive, de profissões como comerciantes ambulantes e feirantes, famosas pela má remuneração. A pesquisa divulgou que havia trabalhadoras do setor ainda sem remuneração. Neste sentido a região Norte e Nordeste do Brasil apresentaram os piores índices contando com 80% a 90% da população de empregados recebendo de zero a um salário mínimo (MELO, 1998, p.19-24).

A lei que viria a conceder às empregadas domésticas os mesmos direitos trabalhistas do que as outras categorias de trabalhadores no Brasil, só veio a ser promulgada pela Emenda Constitucional nº 72, em abril de 2013, durante o governo da então presidenta Dilma Roussef. A PEC das Domésticas, como ficou conhecida a proposta, foi regulamentada apenas em 2015, pela lei complementar nº150 e viria a garantir às empregadas direitos básicos que ainda não lhes eram assegurados como: jornada semanal de 44 horas, seguro-desemprego, adicional noturno, hora extra, dentre outras coisas. Segundo o portal de notícias R7 Economia, em matéria divulgada em agosto de 2019, segundo os dados PNAD/IBGE (2019) das 6,24 milhões de profissionais domésticas contabilizadas nas pesquisas, 71,6% ainda seguem sem carteira assinada.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> <https://noticias.r7.com/economia/apenas-284-dos-trabalhadores-domesticos-tem-carteira-assinada-19082019>. Acesso em: 24/09/19.

## Capítulo 2

### Empregnada doméstica: estereótipo e subjetividades na construção da empregada doméstica

Das principais personagens criadas por Sérgio Bonson destacam-se a empregada doméstica Waldirene, o político e radialista Soiza e o surfista Henricão. Waldirene é uma empregada doméstica que vive em constante conflito com a patroa Dona Heloísa e seu filho, o jovem Henricão. Waldirene, por sua vez, vive conectada ao rádio ouvindo e interagindo com o radialista Soiza que é representado na figura de um político corrupto e mulherengo. Neste capítulo selecionei tirinhas nas quais era possível debater questões relevantes às subjetividades por detrás da profissão da empregada doméstica como o espaço, assédio sexual, rivalidade entre mulheres, distinção de classe e índole.

Imagem 3: Waldirene A AM



Sérgio Bonson. *O Estado*, 24 jun. 1987. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Na imagem 3, como na maioria das outras nas quais aparece Waldirene, a empregada é retratada na cozinha da casa de sua patroa, Dona Heloísa. Enquanto cozinha, ao lado do fogão, vê-se um botijão de gás sustentando um aparelho televisor. Como se pode perceber pela fala surpresa da patroa, a televisão surge na cozinha como uma novidade ao público: “Ué, o que que a televisão tá fazendo aí?”. No quadrinho seguinte a empregada responde a patroa que segue escutando com o cenho franzido: “Só rádio, só rádio enjoa, D. Heloísa!... e além do mais... A TV dá um gostinho diferente na comida!”.

A primeira reflexão que gostaria de levantar com este exemplo diz respeito ao espaço onde se encontra representada a empregada nas tirinhas de Bonson. Dentre as 478 tirinhas em que Waldirene aparece, publicadas entre 1986 e 1989, em 341 delas a empregada está habitando a cozinha da casa onde trabalha. Depois da cozinha, o lugar onde a empregada mais aparece é ao telefone, o que pode ser visto em aproximadamente 80 tirinhas. Nas outras 57 vezes em que ela participa, encontra-se em algum outro cômodo da casa da patroa, como a sala ou o banheiro (25 vezes), sendo que muito raramente é representada na rua ou em espaços públicos.

O surgimento do aparelho televisor na cozinha atesta a pretensa imobilidade da empregada que, ordinariamente, parece não poder figurar fora deste cômodo, ao passo que se quer ver qualquer coisa que normalmente se localiza em outro lugar – como o aparelho televisor – tem de trazê-lo para dentro daquele espaço. A importância de se estudar o espaço aliada a ideia de mobilidade foi levantada pelo geógrafo Tim Cresswell, em seu livro *On the move: mobility in the modern Western World*, no qual o pesquisador convida a refletir sobre o espaço e, dentro deste, como as diferentes formas de mobilidade emergem como um objeto de conhecimento, refletindo significados de contextos socioculturais de poder (2006, p. 02). Neste sentido, proponho pensar as significações que unem o espaço, a noção de imobilidade e a representação da empregada doméstica.

O autor inicia seu livro acentuando a importância de diferenciar movimento e mobilidade, segundo Cresswell, o primeiro estaria para a dinâmica da localização como o segundo estaria para a dinâmica do lugar. Lugar, nesta acepção, vem a significar segmentos relevantes de espaço que são imbuídos de significados e transpassados pelas dinâmicas de poder. Diferente de localização, o lugar é onde nos tornamos pertencidos, lutamos por estar, ao mesmo tempo em que excluimos pessoas dele (CRESSWELL, 2006, p. 03). David Delaney pontuou que mobilidade humana implica tanto corpos se movendo através de paisagens como figuras categóricas movendo através de espaços representacionais (1995 apud CRESSWELL, 2006, p. 04). Interessa-me, neste trabalho, pensar a mobilidade atrelada a esta noção de representação, citada por Delaney, e desta forma pensar as pessoas em mobilidade para além desta condição básica de apenas ser, mas sim, suas representações no espaço onde estão inseridas: empregadas domésticas, patroas, mulheres, homens, etc. Pessoas em movimento percebidas como agentes na produção de seu tempo e espaço; dois conceitos básicos para se pensar a noção de

mobilidade. Cresswell argumenta ainda, que tanto o tempo quanto o espaço foram retirados da lógica natural para a da abstração, esta segunda guiada pelas demandas do capital, mas também do patriarcalismo, colonialismo e imperialismo (2006, p.5). Para ele, o processo de produção social de tempo e espaço tem implicações para se pensar ambos, movimento e mobilidade, da mesma forma que estes dois conceitos, que pressupõem deslocamentos, são produtores de transformações sociais. É a partir desta lógica que o autor analisa os exemplos que discorre no livro. Inspirada nesta conexão entre mobilidade, espaço e transformações sociais, busco analisar elementos presentes nas tirinhas e, desta forma, compreender melhor como estes conceitos eram articulados na sociedade que as consumia.

Cresswell considera fundamental pensar a noção de mobilidade inaugurada pela modernidade europeia. Em contraste à majoritária imobilidade geográfica da idade média, a noção de modernidade europeia inaugurou não só uma maior possibilidade de movimento e mobilidade física como estreou uma nova noção de mobilidade amparada pelas descobertas científicas e filosóficas (2006, pp.13-14). Acrescento à esta transformação de mobilidades propiciadas pelo ideário da modernidade ocidental as novas possibilidades de mobilidade social. Se um sujeito nascia servo na idade média a possibilidade de mobilidade à uma outra classe era nula, uma vez que a fixidez à terra representava também, de certa forma, uma fixidez social. Com as tecnologias inauguradas na modernidade ampliou-se a capacidade de movimentação geográfica e, por sua vez, tornou viável, ainda que limitada, a possibilidade de um sujeito ascender socialmente. Vale lembrar que, neste sentido, as sociedades americanas são tipicamente modernas, uma vez que tiveram suas elites constituídas por sujeitos advindos do continente europeu.

Este retorno histórico serve para pensar as possibilidades de mobilidade social no contexto brasileiro no período em que estão sendo produzidas as tirinhas de Bonson. Da localização física imóvel da empregada pode-se inferir também metaforicamente a falta de mobilidade desta categoria de prestadoras de serviço, que saindo dos quadrinhos para a dura realidade, praticamente não possuem condições de alçar outras carreiras, uma vez que se dedicam quase que exclusivamente a manutenção de lares que não são os seus. Cresswell, por sua vez, argumenta que não é que as classes baixas não tenham mobilidade, para ele, elas possuem, mas diferente das elites, ela acontece sem liberdade. Para ele as elites cinéticas desfrutam prazer e experienciam liberdade em sua

mobilidade enquanto que as classes baixas movem-se por necessidade e experienciam mobilidade como sobrevivência. Para Bauman, contudo estas duas formas de experienciar a mobilidade não são apenas diferentes, mas sim conectadas por uma mesma lógica: “Globalization, he argues, is tied to the dreams and desires of the kinetic elite who inhabit the luxurious space of flows, and who need the kinetic underclass to service it.” (apud CRESSWELL, 2006, p. 256). A relação patrão-empregada pela lógica do vínculo como sugerida por Bauman, é uma forma de interpretar a falta de mobilidade da classe de empregadas domésticas que trabalham para que os integrantes da família possam se dedicar a construir e seguir suas carreiras e escolher os espaços por onde querem circular com liberdade. Embora Waldirene passe boa parte de seu tempo em uma parte nobre da cidade (o bairro onde mora a família para qual trabalha), ela não pertence àquele lugar e conseqüentemente não disfruta dos benefícios disponíveis aos habitantes daquela região, sua estadia no bairro é reclusa ao seu ambiente de trabalho. Isto fica claro em algumas tirinhas nas quais Bonson faz referência ao bairro onde mora Waldirene; a empregada vive em um dos bairros continentais da grande Florianópolis, bairros destinados, majoritariamente, às pessoas que não tem condições financeiras de pagar alugueis, ou comprar imóveis nos bairros dentro da Ilha.

Para além do número de vezes que a empregada foi representada na cozinha é interessante pensar que o segundo lugar onde Waldirene mais apareceu foi ao telefone. Todos os assuntos pessoais da empregada eram tratados de dentro da casa da patroa, ou seja, mesmo ao interagir com a família ou com o namorado a empregada foi representada sem sair da casa onde trabalhava. É de se esperar que esta imagem fosse familiar aos leitores e leitoras do jornal, uma vez que não era incomum que muitas mulheres ainda muito jovens migrassem para os centros urbanos para trabalhar em residências particulares se encarregando das tarefas domésticas, passando assim, a morar nas casas onde trabalhavam. Até mesmo a arquitetura das residências brasileiras do período, construídas com um pequeno quarto aos fundos da casa ou do apartamento nomeado “dependência de empregada” atestam o lugar de intimidade que estas mulheres ocuparam nos lares das classes médias e altas brasileiras. Todavia, se encaramos a arquitetura como um espaço de significação, vemos que a inserção física da empregada doméstica dentro dos lares acontecia com ressalvas e moderações. Na maioria das plantas o quarto destinado à empregada fica afastado dos demais quartos da família, é bastante pequeno e possui banheiro próprio. Ao mesmo tempo em que vivem

a vida de uma família que não é a sua, dentro de uma casa que também não é sua, constrói-se uma separação espacial demarcada. Para a antropóloga Jurema Brites os filhos das famílias de classe média alta aprendem a distância social entre eles e as empregadas através de informações subliminares como a exemplo da nomeação e disposição dos espaços físicos “quarto ou banheiro de empregada” ou “dependência de empregada” (2007, p.103).

Como dito, a tirinha acima serve como ignição para pensar socialmente o papel da empregada na sociedade brasileira, partindo de uma referência sobre o espaço para pensar a imobilidade da figura da empregada tanto física quanto socialmente. Para o cartunista, na imensa maioria das vezes, o único lugar possível para localizar a empregada foi dentro da cozinha. Nas tirinhas, Waldirene pode ser vista quase como um componente da cozinha da patroa e praticamente todas as vezes que está na cozinha a mesma aparece encarregada da comida.

Descascando batatas, fazendo comidas de fácil execução, em frente a um fogão aceso, a empregada é a encarregada pela alimentação de toda a família. Na tirinha que abriu este capítulo, Waldirene responde ironicamente a pergunta da patroa dizendo que a justificativa para que a televisão pudesse permanecer na cozinha é que esta influenciaria positivamente na execução da comida. É significativo pensar as empregadas domésticas como guardiãs da subsistência de muitas famílias no que se refere ao trato com a alimentação. O cuidado com as necessidades básicas de sobrevivência são facilmente embebidos por uma relação afetiva que faz com que as fronteiras entre trabalho e vida pessoal tornem-se cada vez mais confundidas. A mistura destas fronteiras, por sua vez, atribui a esta relação entre empregada e família sentidos ambíguos no que diz respeito à noções de pertencimento, confiança e deslocamento, sem no entanto, desfazer relações de poder que são inerentes a ela. Esta ambiguidade pode ser notada pelo estabelecimento tácito de subjetividades que imperam pela aproximação desta profissional – a qual são delegadas funções tão essenciais a subsistência da família – mas também pela diferenciação desta mulher que vive a intimidade, porém consanguineamente não faz parte da família. Em sua pesquisa sobre a relação entre domésticas e patroas no contexto estadunidense, Judith Rollins, preocupou-se em destacar porquê a essência da exploração que consiste a relação patrão-empregada é mais do que uma exploração econômica, em si. A exploração destas trabalhadoras é mais profunda e complexa, pois trata-se de uma exploração, a seu ver

também psicológica (1985, p. 156). Muitos elementos contribuem para a complexidade presente nesta relação, todavia o principal deles, segundo a autora, constrói-se sobre a lógica do *maternalismo*. Tal fenômeno, que possui um correspondente imediato numa relação envolvendo mulheres, diz respeito diretamente aos papéis intrafamiliares de criação, amor e necessidades afetivas (ROLLINS, 1985, p. 179). Em outras palavras, o papel afetivo e estrutural que a mulher ocupa na família. É certo que este papel permanece compartilhado pela patroa que, na maioria das vezes, permanece sendo a detentora do controle sobre as tarefas que são executadas pela empregada. Contudo, destaco a lógica maternalista que recai sobre as empregadas para pensar a função social das mulheres dentro dos lares relacionada ao cuidado e também ao sexo.

#### Imagem 4: Waldirene A AM



Sérgio Bonson. *O Estado*, 25 jun. 1986. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

A tirinha acima é uma das raras em que a empregada Waldirene aparece fora do seu local de trabalho, contudo se relaciona com o segundo lugar onde a empregada é mais frequentemente representada, ao telefone. Todas as vezes que a empregada está utilizando o telefone fora da casa da patroa, ela é representada perante um telefone público, artefato bastante comum às cidades brasileiras, nos anos de 1980. É importante salientar que no contexto da época o telefone era um acessório que dificilmente uma empregada doméstica teria em sua casa. Em frente ao telefone, Waldirene pensa: “Nada prá fazer. Vou telefonar prá minha prima de Angelina. Ela tá aí e ainda não conhece nada...”. No quadrinho seguinte, a empregada aparece junto à prima, caminhando por um cenário urbanizado. Waldirene com ares de satisfação, pergunta: “Então, prima? Tás gostando?”. Ao que a prima responde bastante impressionada: “Que cidade mais grandona!”. Então, Waldirene a prepara: “Ainda não visse nada...”. É então que, no último quadrinho, o enquadramento se distancia e surge no cenário o famoso cartão postal de cidade de Florianópolis: a ponte Hercílio Luz. Waldirene então,

orgulhosamente completa: “Precisas ver a Avenida Felipe Schmidt!!”. Ao trazer à narrativa, a prima da empregada que originalmente vive em Angelina, uma cidade pequena e interiorana, distante aproximadamente 80 quilômetros da capital Florianópolis, Bonson nos remete às origens de Waldirene. A questão da mobilidade aqui ganha outra perspectiva com relação a profissão de empregada doméstica: a migração.

A imensa maioria dos trabalhos que debate a questão das trabalhadoras domésticas no Brasil em algum momento frisa que boa parte destas mulheres são migrantes de regiões interioranas ou rurais. Heleieth Saffioti (1978) em seu livro *Emprego Doméstico e Capitalismo*, analisa dados fornecidos por uma investigação conduzida por ela e outros pesquisadores num município do interior do estado de São Paulo durante os anos 1974 e 1975. A investigação consistiu em uma série de entrevistas com empregadas domésticas, patroas e mulheres responsabilizadas pelos trabalhos domésticos dentro de suas próprias casas. O resultado da pesquisa mostrou que a maioria das empregadas domésticas não eram originárias do município onde trabalhavam (SAFFIOTI, 1978, p.43). Dentre estas migrantes, praticamente metade, advinham de zonas rurais, quase sempre em busca de emprego, acompanhando suas famílias ou em busca de vantagens oferecidas pela urbanização (SAFFIOTI, 1978, p.44). Saffioti destaca que mesmo dentre as mulheres que haviam nascido no município, um terço delas também advinha de zonas rurais (1978, p.44). Uma característica comum à todas as entrevistadas é, contudo, a baixa escolarização. Algumas analfabetas, muitas tendo cursado apenas os primeiros anos da educação básica, todas com nível de instrução bastante reduzido (1978, p. 45). Esta característica faz com que o setor seja um local de absorção de mulheres pobres, migrantes, jovens e de baixa escolarização permitindo uma fácil precarização da profissão.

Na imagem 4, Bonson também retrata o processo de urbanização pelo qual passava a cidade de Florianópolis ao representar as duas mulheres do interior caminhando pela capital cheia de prédios e destacando a emblemática avenida Felipe Schmidt, principal rua comercial da cidade. O cartunista lança um olhar otimista sobre esse processo ao demonstrar o orgulho de Waldirene e os ares de contemplação da prima que vive no interior.

A migração atrás de um emprego é, sem dúvida, um fator que auxilia na condição de muitas empregadas no período terem de dormir no emprego. Esta característica era bastante comum ao trabalho de empregada doméstica nas décadas de 1980 e 1990. Muitas meninas vinham ainda muito jovens das áreas rurais e, não tendo um lugar para ficar, acabavam morando nas casas onde trabalhavam, o que auxiliava para que a relação trabalhista permanecesse permeada pela informalidade e, conseqüentemente, que as fronteiras entre direito, dever e afeto atravessassem umas às outras, precarizando essa relação. É importante lembrar que, como mostrei anteriormente, estamos falando de um Brasil que vivia um momento precário economicamente, onde as oportunidades ascensão social para uma mulher jovem, pobre, muitas vezes negra e sem escolaridade eram reduzidas.

Atualmente, se percebe que o número de empregadas que vive dentro das casas dos empregadores é cada vez menor, fazendo com que o problema, referente à mobilidade atualmente, concentre-se muito mais no fato de as empregadas morarem em bairros cada vez mais distantes dos grandes centros ou dos bairros onde se localizam as casas para as quais prestam serviços. A rotina de acordar muito cedo e atravessar longas distâncias para chegar ao trabalho, tem se tornado um fator característico da profissão de empregada doméstica ou diarista no Brasil contemporâneo.

Imagem 5: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 12 out. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

“Verdade, Waldirene?” responde surpreso Osmar, diante de um telefone público. “Claro, Osmar, vem pra cá. A D. Heloísa foi viajar! E tem uma surpresinha...”. É então que no último quadrinho a surpresa é revelada: “Uma cama maravilhosa! Nem sei o que a gente pode fazer nela...”. Waldirene aparece deitada sobre uma cama suntuosa enquanto fala ao telefone. Nesta tirinha nos é introduzido o namorado de Waldirene, Osmar. Do ponto de vista da mobilidade o posicionamento das personagens é coerente com aquele debatido na primeira análise deste capítulo. Enquanto Waldirene é representada dentro da casa onde trabalha, o namorado aparece na rua, ocupando um espaço que não é destinado a sua ocupação profissional.

Através desta tirinha podemos constatar o quanto o local de trabalho e de lazer da empregada estão imbricados, pois sugere que até mesmo os momentos de intimidade da doméstica com o namorado são vividos no ambiente em que Waldirene trabalha. Para tanto, todavia, Bonson apela para o estereótipo da empregada folgada que usufrui das coisas da patroa, quando esta não está por perto. O humor aqui tensiona por Waldirene fazer uma coisa que não deveria, que é dormir com o namorado na cama da patroa.

Segundo Jurema Brites a vivência da empregada na casa da patroa representa uma invocação da sociedade de consumo moderna (2000, p. 177). Ou seja, a referência de uma vida mais confortável passa a ser construída através da vivência na casa da patroa que passa, inclusive, a influenciar o padrão estético das empregadas. Esta noção, contudo, não se dá em termos de dinheiro, mas sim através dos objetos que a patroa dispõe. Segundo Brites, a distância econômica entre as empregadas que entrevistou e as patroas é tão larga que, em geral, as domésticas teriam dificuldade em contabilizar a renda de suas patroas (2000, p.177). Neste sentido, vemos que a referência do que é boa vida tanto para Waldiene quanto para Osmar, passa pelo usufruto dos objetos e bens que se encontram na casa da patroa.

O enredo confirma que a única forma da empregada acessar um estilo de vida como o da patroa, é usufruindo da casa e das coisas dela, pois seu poder de aquisição como empregada doméstica não lhe permitiria dormir numa cama como a de D. Heloísa, se não fosse utilizando a da própria patroa. É a empregada se movimentando dentro do espaço onde lhe é possível. Se não é possível levar a cama da patroa para sua

casa, ela traz o namorado para dentro da casa da patroa, enaltecendo a incompatibilidade financeira destas duas realidades.

Como mencionei o humor aqui só é possível se o espectador reconhece o tamanho da ousadia de Waldirene. O desfecho só é engraçado devido ao completo deslocamento da empregada. Ao se deparar com a doméstica, ao telefone, deitada com os pés sobre a cama da patroa, os leitores do jornal são confrontados com uma cena que não estão esperando, pois o local social e culturalmente destinado à criadagem é a cozinha. Deitar na cama da patroa representa tanta afronta que acaba sendo engraçado.

Imagem 6: Waldirene A AM



Sérgio Bonson. *O Estado*, 18 de Jan. de 1989. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Esta tirinha é parte de uma sequência na qual a empregada deixa a casa de Dona Heloísa em busca de outro emprego e acaba na casa de Alaor, assistente do já apresentado radialista Soiza. A historinha inicia com a doméstica trajando uma expressão emburrada ouvindo as colocações do novo patrão: “Você pode ouvir Wando<sup>18</sup> a todo volume! Eu adoro! Arroz com ovo não tem problema... É meu prato predileto.” As considerações de Alaor, claramente ditas com a intenção de agradar Waldirene aparecem em contraste a uma série de fatores que a incomodavam na casa da antiga patroa, que vivia pedindo que a doméstica abaixasse o volume do rádio e não cozinhasse arroz com ovo. Na cena seguinte Alaor se retira finalizando sua fala com um: “Você verá: eu sou um patrão muito liberal!” No último quadrinho entra em cena mais um componente do estereótipo da profissão da empregada doméstica: a

<sup>18</sup> Vanderley Alves dos Reis, artística e popularmente conhecido como Wando, foi um cantor brasileiro de música brega. Popular entre as mulheres, Wando cantava músicas sobre amor, mulheres e sexo. Ficou amplamente conhecido por sua coleção de calcinhas advindas das fãs, pela qual recebeu o epíteto de “Obsceno”.

sexualização por parte dos patrões. Ao colocar um duplo sentido no adjetivo *liberal* dado a si mesmo, Alaor, assedia Waldirene passando a mão nela enquanto a mesma se encontra de costas.

Waldirene troca momentaneamente de casa, porém continua localizada na cozinha acompanhada por seu rádio. Os elementos contribuem com a prosopota da sexualização que pode ser notada desde as vestimentas da empregada que é representada com um vestido que acentua suas curvas e seios. Já as vestimentas de Alaor, por sua vez, corroboram com a personificação da masculinidade, promiscuidade e principalmente a postura cafajeste assumida pela personagem nas tirinhas. Alaor usa um bigode grosso, está sempre representado de óculos escuros e demonstra certo desleixo ao se vestir. É bastante peludo e isso pode ser notado até mesmo quando a personagem veste camisa, pois para mostrar uma corrente que normalmente usa escancarada no peito, os primeiros botões da vestimenta estão sempre abertos.

Não são incomuns ao contexto brasileiro as histórias de assédios e traições envolvendo empregadas domésticas e seus patrões tanto no repertório de conversas rotineiras quanto nas notícias. Este tema, sem dúvida, habitava o imaginário dos leitores e leitoras do jornal assim como do artista que aciona o estereótipo do assédio para mobilizar o humor em várias tirinhas. A localização das domésticas dentro das casas das famílias de classe média e alta as coloca em posição de extrema vulnerabilidade se consideramos as relações de poder que imperam sobre estas trabalhadoras, primeiramente por serem mulheres e depois também pela instabilidade econômica que as leva a exercer a profissão. Tal vulnerabilidade é tocada com humor pela tirinha que primeiro mostra o patrão se dizendo *liberal* ao conceder facilidades à empregada por um lado e por outro se sentindo no direito de assediá-la. As fronteiras tenuemente estabelecidas entre pessoal e profissional, levantadas anteriormente, corroboram com a situação de fragilidade de muitas empregadas que ao mesmo tempo em que vivem as vidas das famílias e exercem as funções da mãe, consanguineamente não fazem parte da família, o que, suponho, parece autorizar muitos patrões a investirem sexualmente em suas funcionárias. Em um artigo publicado sobre uma pesquisa etnográfica realizada em Espírito Santo, cujo objetivo consistia em analisar a ambiguidade afetiva desvelada entre empregadores e empregadas domésticas, Jurema Brites, disse estranhar a ausência do tema do assédio entre empregadas e patrões entre suas entrevistas, uma vez que como ela mesma destacou, foi um tema tão presente nas ciências sociais e no romance

brasileiro (*Gabriela* de Jorge Amado, *Tempo e Vento* e *Solo de Clarineta* de Érico Veríssimo) (2007, p. 102). Brites relata que uma vez assistiu uma patroa furiosa gritando contra um grupo de empregadas que a impediam de contratar uma nova empregada doméstica, pois certa vez a mulher espancou uma menina que foi encontrada no banheiro junto com o seu marido. A partir de então as próprias empregadas tentavam impedir que outra mulher desavisada passasse a trabalhar na casa desta patroa. Em um dos poucos exemplos relatados por Brites as demais empregadas da região se expuseram a proteger outra empregada que, por ter sido encontrada com o patrão, foi agredida pela esposa dele. É interessante pensar no elo de proteção criado pelas próprias empregadas, que nos leva a assumir que muito provavelmente atuavam na proteção uma das outras por experienciarem na pele a vulnerabilidade na qual as mulheres que exercem esta profissão estão sujeitas perante seus patrões e patroas. A situação descrita por Brites leva a pensar sobre os elos de confiabilidade criados entre patroa e empregadas. Ao mesmo tempo em que as patroas trazem mulheres, a priori, desconhecidas para dentro de suas casas e confiam a elas a educação de seus filhos e em geral toda troca de afetos entre os integrantes da família, para também uma tensão sobre a idoneidade desta mulher tanto no que se refere a fidelidade conjugal, como no caso reportado acima, quanto no que se refere a furtos dentro da própria casa.

Imagem 7: Waldirene A AM



Sérgio Bonson. *O Estado*, 16 de abril de 1989. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

“Waldirene? É o Adroaldo. Estou aqui no aeroporto. Diz pra Heloísa vir me pegar.” Diz a voz que sai do telefone e surpreende Waldirene. Trata-se de Adroaldo, marido de Dona Heloísa e, conseqüentemente, patrão de Waldirene. Adroaldo é um político que devido a demanda de viagens de trabalho, muito pouco aparece na própria

casa. Respondendo à pergunta de seu patrão, Waldirene explica: “Hã... Sua mulher só volta amanhã. Foi visitar uma tia no interior.” A cozinha de fundo na cena comunica ao expectador o lugar de onde Waldirene acaba de sair. Ao ouvir que a esposa não está em casa, Adroaldo logo conclui: “Então você está sozinha?” ao que a empregada confirma: “Sim, estou...” Ao receber a resposta afirmativa de Waldirene, Adroaldo revela suas intenções: “Hum... Quem sabe você realiza um velho sonho meu, heim? Aquele seu delicioso arroz com ovo, prum jantarzinho à luz de vela, só nós dois...”

O humor nesta tirinha recorre à estereótipos que mobiliza o assédio sexual do patrão sobre a empregada. Ao descobrir a ausência da esposa, a primeira coisa que faz o patrão é demonstrar que a situação é favorável para realizar um velho desejo. Ao dizer que tem um “velho sonho” o patrão confirma que suas segundas intenções com a empregada existem desde sempre e, depois, segue propondo um jantar exclusivo com ares de romantismo, o que toca a temática do assédio ainda mais gravemente. Ao invés de propor uma relação sexual com a empregada, Adroaldo mascara o assédio com mensagens indiretas e romantizadas. Além da romantização do assédio, para deixar o desfecho mais engraçado, Bonson aciona o “arroz com ovo” de Waldirene, confirmando que o patrão não está mesmo nem um pouco interessado no jantar, em si, mas sim no desfecho deste, uma vez que normalmente o arroz com ovo é o prato digno de reclamação.

O assédio sexual dos patrões sobre as empregadas domésticas possui relação com o passado colonial. Heleieth Saffioti (1976) argumenta que sobre a mulher negra e escrava recaía a maior acumulação de exploração, pois estas além de trabalhadoras eram utilizadas como mulher – desempenhando atividades que eram relacionadas à condição natural da mulher – e como parceira sexual. O senhor branco somou à condição da mulher escrava a prestação de serviços sexuais. Nas palavras de Saffioti (1976):

dada a socialização da mulher branca para o desempenho dos papéis-de-casa e mãe de família legalmente constituída, necessária se fazia a existência de uma classe de mulheres, com as quais os jovens brancos pudessem praticar as artes do amor anteriormente ao casamento.

A ordem familiar colonial delegou às mulheres escravizadas também a função do sexo para satisfazer tanto os proprietários, como também, muitas vezes, na utilização como moeda de troca com outros homens brancos negociantes. Com o passar dos anos

não é de se surpreender que a naturalização da sexualização destas mulheres em posições de vulnerabilidade perante os homens brancos tenha sido incorporada ao imaginário dos homens que exercem alguma relação de poder sobre as mulheres que a eles prestam algum serviço. O assédio sexual sobre as empregadas domésticas é uma mazela conhecida pela sociedade brasileira, seja pelos diversos exemplos que circulam popularmente dentro de quase todas as famílias ou pelos meios de produção cultural que constantemente recorrem a este elemento nas narrativas envolvendo empregadas, como nas tirinhas *Waldirene A AM*. Este elemento apenas confirma a profunda degradação da profissão da empregada doméstica na sociedade brasileira. Pois se qualquer mulher está suscetível à assédios sexuais oriundos de seus patrões, no caso das empregadas doméstica esse padrão parece ainda mais aceito e arraigado. Comprovando que a lógica operada sobre a escravidão, neste sentido, parece não ter se alterado tanto, continuando vigente para os homens que exercem esse tipo de poder econômico sobre as mulheres. Chamou-me a atenção, todavia, a ausência da temática nas pesquisas envolvendo o trabalho doméstico.

Destaco, neste sentido, que há uma aceitação e compreensão mútua sobre a execução do humor que permite ao cartunista apelar constantemente às cenas em que os homens que detém algum poder econômico sobre Waldirene, a assediam sexualmente, constituindo o mote humorístico do enredo.

Imagem 8: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 02 dez. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

“Você é luz...” A tirinha inicia com os dizeres da música que sai do rádio de Waldirene, cuja continuação se estende durante toda a historinha. A música *Fogo e*

*Paixão*<sup>19</sup> do cantor Wando é acionada para representar o gosto popular personificado, aqui, pela empregada doméstica.

Wando foi um cantor brasileiro de música brega<sup>20</sup>. Popular entre as mulheres pobres, principalmente nos anos 1970 e 1980, Wando cantava músicas sobre amor, mulheres e sexo. O cantor ficou amplamente conhecido, à época, por sua coleção de calcinhas advindas das fãs, pela qual recebeu o epíteto de “Obsceno”. A música brega é acionada por Bonson, como forma de mobilizar o humor colocando esse “gênero musical sempre em oposição ao gosto refinado da classe média alta, que nas tirinhas é referenciada como consumidora de rock’n roll e música clássica.” (BROERING; WOLFF, 2018, p.225). Na tirinha, em questão, a música é utilizada para ressaltar a diferença e os conflitos de classe entre a empregada e a patroa, demonstrada através do “gosto” musical.

Suportando o rádio, a cozinha onde trabalha Waldirene conta com um botijão de gás e um fogão aceso. A primeira cena consiste na patroa olhando Waldirene pelas costas, pensativa: “Hum... A Waldirene tá em forma... Não faz lipoaspiração, mas o bum bum tá durinho...”. No quadrinho seguinte, ao perceber a presença silenciosa da patroa, Waldirene pergunta: “Algum problema D. Heloísa?”. ao que negativamente responde a patroa: “Não, não...”. Contudo, segue avaliando o corpo de Waldirene: “...os seios no lugar...”, para então, surpreendentemente, terminar no último quadrinho com uma expressão enfezada dando uma ordem à empregada: “Baixa essa droga desse volume, Waldirene!”.

O apelo à sexualização do corpo da empregada, desta vez, não parte dos homens, mas sim da própria patroa, enfatizando a potencial ameaça que Waldirene representa à Dona Heloísa, que adota a perspectiva patriarcal, apesar de sua condição de mulher. O clima de competitividade entre as mulheres que compartilham a esfera doméstica da casa é descrito tanto por Gilberto Freyre, quanto Heleieth Saffioti, como algo presente desde a conjuntura colonial. Em *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre faz uma

---

<sup>19</sup> Você é luz/É raio estrela e luar/Manhã de sol/Meu iaiá, meu ioiô/Você é "sim"/E nunca meu "não"/Quando tão louca/Me beija na boca/Me ama no chão/Me suja de carmim/Me põe na boca o mel/Louca de amor/Me chama de céu/E quando sai de mim/Leva meu coração/Você é fogo/Eu sou paixão.

<sup>20</sup> A música brega, como acionado por Sérgio Bonson, é um gênero musical brasileiro que passa a ganhar visibilidade a partir da década de 1970 e é marcado por suas letras exageradamente românticas. Para mais informações ver: ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Eu não sou cachorro, não*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

descrição extensa e minuciosa do que seria a formação dos brasileiros ao momento da colonização, ressaltando sobretudo os aspectos da miscigenação entre brancos, indígenas e afrodescendentes. Nesta obra, grande atenção é dada sobre as características sexuais desta interação entre aqueles que habitavam a casa grande e a senzala e em muitas passagens, Freyre descreve o quão comum era a violação sexual por parte dos senhores de engenho sobre suas escravas africanas. Este hábito fazia florescer nas esposas sentimentos como raiva e ciúmes das escravas. Segundo Freyre, através de relatos de cronistas e viajantes colheu não dois nem três, mas muitos casos da crueldade das senhoras sobre as escravas:

Sinhá moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compeira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiadas. O motivo, quase sempre, o ciúme do marido. O rancor sexual. A rivalidade de mulher com mulher (FREYRE, 2003, p. 419).

Vale lembrar que, como ressaltei anteriormente, para muitas senhoras livres e abastadas uma das únicas formas de exercerem poder sobre algo era, muitas vezes, sobre o grupo de criadas domésticas, já que perante os maridos e os espaços públicos lhes era exigida uma conduta passiva e submissa. Se estas histórias econteceram, de fato, não temos como assegurar, mas que de alguma forma estiveram presentes no imaginário sociocultural dos brasileiros atravessando o tempo e mantendo correlação com as práticas das relações que envolvem o trabalho doméstico é impossível negar. Nas tirinhas de Bonson os enredos envolvendo violação sexual, ciúmes e castigo estão presentes de variadas formas, mas seguindo sim, a mesma lógica por trás dos relatos coloniais.

Na imagem 8, a recorrência ao poder aquisitivo é mobilizada de diferentes formas, como vimos, para se fazer rir. A confusão de Dona Heloísa se demonstra inicialmente por não entender como Waldirene mantém um corpo “em forma” sem nem mesmo ter condições de uma lipoaspiração e deste forma, recorre-se a um deboche sobre as mulheres ricas que parecem não entender como é possível uma mulher se manter dentro dos padrões impostos, sem se submeter a procedimentos cirúrgicos estéticos. Além disso, a situação também pode se referir ao fato de que Waldirene

executa um trabalho árduo que faz uso intenso do próprio corpo. Esfregar pisos, passar roupas, aspirar, limpar grandes móveis são componentes básicos desta profissão que requer intenso preparo físico, diferente do que a grande maioria das patroas está acostumada a enfrentar.

A piada se encontra, sobretudo, no fato de a tirinha finalizar com Dona Heloísa tendo um acesso de raiva, muito provavelmente causado pela inveja que sente de sua empregada, e se utilizando de sua posição de poder para se “vingar” de Waldirene, pedindo que esta abaixe o volume da música, o que pode ser visto como uma forma de precarizar a experiência de trabalho experienciada por Waldirene naquele momento. Pois se Dona Heloísa não pode ter o corpo “em forma” como o de Waldirene, ela pode por outro lado, exercer sua autoridade sobre a empregada.

Imagem 9: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 26 jun. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

A tirinha acima faz parte de uma sessão nomeada por Bonson como “Dona Heloísa, fisssssurada” esta sessão consiste numa série de tirinhas nas quais Dona Heloísa, em uma condição fora da normalidade como atesta o adjetivo “fissurada”, apresenta-se altamente libidinoso. “Prontinho, Soiza...” Atende o telefone, na sede de sua emissora, o radialista Soiza. “Alôuu, Soizinha tesourão?! Como vai essa costeletinha, heim?!... E os pelinhos no peito, haimm?” Diz a voz que sai do telefone, com uma intonação cantante como indicam os sinais musicais colocados ao redor das palavras. No quadrinho seguinte a voz segue ressaltando as características do radialista com conotação sexual: “E essa vozona grossona humm?!” Soiza com expressão satisfeita então responde: “Tá tudo em cima, tudo em cima, mas... com quem tô

falando?”. É então que a última cena apresenta Dona Heloísa sentada ao telefone com uma expressão dissimulada: “Hã... Aqui é a Waldirene!”. A mentira da patroa, todavia, é testemunhada por Waldirene que surge no canto direito do quadrinho, com um pano na mão e uma expressão de indignação.

A vestimenta de Soiza comunica a mesma intenção por detrás daquela de Alaor, descrita anteriormente. A personagem é representada com uma camisa semi aberta na qual se notam os pelos do peito saindo perto do pescoço, além disso são características marcantes do radialista o óculos de sol, o topete no cabelo e as costeletas, estas últimas mencionadas por Heloísa, como um símbolo sexual. Como praticamente todos os personagens homens criados por Bonson, Soiza, tem por uma de suas principais características o perfil de galanteador.

Destaco esta tirinha, pois ela permite debater subjetividades operadas na distância de classe que separa patroa e empregada. Em História da sexualidade I, Michel Foucault constroi uma hipótese sobre a forma como a sociedade Vitoriana vai desenvolver um discurso sobre sexualidade majoritariamente pautado sobre técnicas de repressão do mesmo. A partir do século XVII, portanto, certos imperativos de decência passaram a ser incorporados aos discursos constituintes da sexualidade concomitante a submissão deste aos discursos da pedagogia, medicina e demografia.

Segundo Foucault a primeira figura a ser investida pelo dispositivo da sexualidade foi a mulher ociosa (1980, p.121). Esta passou a aparecer como um valor, encarregada com as obrigações maternais e conjugais para que a partir deste modelo surgisse a figura da mulher histérica ou nervosa (FOUCAULT, 1980, p. 121). Nos enredos de Bonson, Dona Heloísa buscando sexo é descrita como “fissurada” enquanto que as personagens masculinas, assediando verbal e fisicamente as mulheres, são apenas homens em condições normais. Estes exemplos demonstram como o discurso sobre a sexualidade vai conferir imagens diferentes sobre homens e mulheres e também sobre às classes. Segundo o filósofo, no final do século XIX, o desenvolvimento jurídico e médico do controle sobre as perversões em nome da proteção da sociedade, foi o momento que o desenvolvimento da sexualidade criado por e para as classes dominantes espalhou-se para todo o corpo social (1980, p. 122). Todavia, o autor argumenta que este processo de disseminação de uma política sexual não aconteceu homogeneamente em todos os níveis e classes sociais. As classes dominantes não

estabeleceram as limitações de prazeres, necessárias a preservação da saúde do corpo social, às outras classes, mas do contrário parecem terem testado primeiro sobre si mesmos (1980, p. 122). Isto porque, segundo Foucault não se tratou apenas de uma renúncia dos prazeres ou desqualificação da carne, mas uma problematização da saúde como forma de prolongamento da vida. Desta forma, portanto, a primeira preocupação da burguesia não foi reprimir o sexo das classes exploradas, mas garantir vigor, longevidade e prole à sua própria classe. A nova distribuição de prazeres, discursos, verdades e poderes sobre o sexo, operada pela burguesia deve ser considerada como uma auto afirmação de sua própria classe (1980, p.123). A burguesia, delimitou um alto preço de seus próprios corpos, prazeres, bem-estar e sobrevivência, não com uma política de submissão dos outros, mas à priori, de afirmação de si mesmos (1980, p.123). A burguesia passou a proteger seu próprio corpo contra qualquer ameaça, desta forma, qualquer utilização do sexo que fosse inútil ou contrária à lógica familiar passou a ser indesejada (FOUCAULT, 1980, p. 123). Criando sua própria sexualidade, a burguesia manejou sua própria classe através da saúde, higiene, linhagem e raça. Desta forma, portanto, o sexo surgiu como um dispositivo de diferenciação da nobreza e também das classes subalternas. Uma vez que a burguesia não detinha o “sangue azul” para se fazer nobre, ela fez do sexo saudável o seu “sangue” (FOUCAULT, 1980, p. 124). O sexo se tornou um instrumento da hegemonia burguesa. Culturalmente as práticas sexuais de devassidão e libertinagem passaram a ser rejeitadas em concomitância à execução dos discursos médico e jurídico.

Nas historinhas de Bonson, uma mulher na posição social de Dona Heloísa, não pode se colocar afeita aos desejos sexuais da mesma forma que sua empregada. Para o cartunista o desejo sexual da patroa ganhou um efeito de piada, justamente por delegar à personagem uma característica que não é esperada dela. Nesta, assim como em várias outras tirinhas, o humor se localiza na hipocrisia de Dona Heloísa no que se refere ao seu desejo sexual. Enquanto a patroa disfarça seus desejos, Waldirene os demonstra sem pudor, e Dona Heloísa parece reconhecer que esta é a única condição em que vale a pena estar na pele da empregada.

Imagem 10: Waldirene A AM



Sérgio Bonson. *O Estado*, 28 de Out. de 1987. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

A tirinha em destaque inicia com Waldirene segurando uma panela, ambientada na cozinha da casa de Dona Heloísa acompanhada, como sempre, pelo seu rádio. No que diz respeito aos corpos e a indumentária, as duas personagens, que são retratadas com uma silhueta bastante parecida, diferenciam-se por suas vestimentas. Waldirene é representada com seu uniforme de empregada: um vestido curto coberto parcialmente por seu avental, acessório que confere identidade a sua ocupação e sintoniza com o espaço – a cozinha – e os afazeres que ali executa. Ao topo da cabeça um laço que lhe confere ares infantis. Dona Heloísa, por sua vez, é sempre retratada usando brincos, pulseiras e colares ao mesmo tempo em que tem o cabelo produzido. O contraste dos acessórios nas duas mulheres pode ser analisado como uma ferramenta para comunicar a distinta condição social a que pertencem patroa e empregada, enaltecendo, desta forma, que mesmo dividindo diariamente o mesmo espaço físico, ambas advêm de trajetórias e mundos socialmente inconciliáveis.

Na cena a patroa aparece espiando a empregada ao mesmo tempo em que pensa: “Os seios tão no lugar, o bum bum durinho, mas em compensação, a pele tá um lixo...”. Com ares de superioridade, Dona Heloísa interrompe o silêncio abordando a empregada: “Waldirene, minha filha, você precisa usar alguma coisa na sua cútis<sup>21</sup> tá muito mal tratada...”. Ao que a empregada responde sorrindo: “Ah! Eu vou comprar

<sup>21</sup> Termo utilizado para se referir à pele que recobre o rosto, comumente utilizado para se referir a padrões estéticos.

uma linha completa de produtos pra pele, Dona Heloísa...”. Assim como inicia a tirinha, parcialmente ocupando a cena, a patroa, de saída, reflete alarmada: “Meu Deus! Meus cremes, minhas loções, correm perigo!”.

O enredo começa com a tensão da competitividade entre as mulheres. Dona Heloísa observa o corpo da empregada, ao que tudo indica para comparar com o seu, e concluir que sua pele é mais bem tratada do que a de Waldirene. A patroa para se orgulhar se sua pele desdenha da aparência de Waldirene, sugerindo que a empregada invista em loções para o rosto. A empregada, sagazmente e sem se mostrar ofendida, responde à patroa que vai comprar uma linha completa de produtos, despertando em Dona Heloísa desconfiança sobre sua índole. O humor nesta tirinha reside justamente no apelo ao estereótipo da empregada ladra. Ao desvelar o conflito da desconfiança da patroa sobre a empregada, espera-se que o público reconheça que ao dizer que vai comprar produtos para pele, Waldirene, potencialmente infere que pode roubar os da patroa. É interessante pensar também que as domésticas quando estão nas casas onde trabalham são expostas à condições e produtos desconhecidos por elas devido a sua classe social. A única forma de Waldirene acessar produtos para pele, é roubando os da patroa, o humor aqui escancara o abismo econômico e cultural entre as classes.

É interessante destacar que os conflitos entre patrões e empregadas nas tirinhas de Bonson são sumariamente retratados pela tensão entre as mulheres. Este recurso remete a uma postura patriarcal de falta de solidariedade feminina, rechaçada pela perspectiva feminista, a qual recentemente ganhou bastante visibilidade através do termo sororidade, que remete à empatia e o apoio entre as mulheres. Nas poucas tirinhas em que Waldirene interage com um patrão homem o humor, muitas vezes, apela para a questão do assédio sexual que, nestes casos, se sobressaem aos conflitos diários protagonizados por Dona Heloísa e Waldirene. Segundo a antropóloga Maria Suely Kofes quando uma empregada assume o trabalho doméstico exerce a função atribuída às mulheres na ordem da família e por isso assume a unidade doméstica da patroa, e não do patrão, o que implica dimensões complexas como afetividade e sexualidade. Ou seja, as funções ultrapassam questões de ordem técnica, desta forma é significativo que sejam as patroas as que mais se encarreguem em traçar as diferenças com as empregadas. (KOFES, 1991, p. 11).

Segundo Jurema Brites as queixas das patroas sobre pequenos furtos cometidos pelas empregadas apareceu em 6 das 7 entrevistas realizadas e não se tratavam de casos isolados, mas com frequência ocorrendo com quase todas as empregadas que tinham tido. Por outro lado, quando se tratou da narrativa assumida pelas empregadas, o tema do roubo nunca apareceu como confissão, mas, na maioria das vezes, como queixa de acusações infundadas (BRITES, 2000, p. 114). A representação da empregada doméstica em Bonson, não é o ser dócil e submisso como na maioria das vezes se caracteriza a inserção da empregada doméstica nas famílias de classe média e alta. Do contrário, a representação da doméstica pelo cartunista é caracterizada pela exaltação de traços moralmente condenadas pela classe média. Waldirene, de fato, constantemente rouba a patroa, coloca laxantes na comida de Henricão, mente, falta ao trabalho, etc... Porém como bem ressaltou Brites em seu trabalho, o mais importante destas análises não é determinar se as empregadas que entrevistou estavam ou não falando a verdade, mas sim como as próprias empregadas reconhecem a narrativa do roubo como um fato ordinário, o que comprova o reconhecimento dos leitores e leitoras do jornal com o estereótipo acionado pelo cartunista. Para Brites, as narrativas sobre o roubo “não indicam apenas uma instância discursiva, elas também inspiram pistas sobre práticas culturais.” (2000, p. 115). A desigualdade social surge como um elo que permite que a assunção sobre o roubo recaia sempre sobre a figura da empregada. Trata-se, segundo Brites, de um reconhecimento tácito da extrema desigualdade que separa patrões e empregadas, uma vez que os primeiros assumem sempre que a empregada estaria roubando por viver em situação de necessidade. Em outras palavras, a desconfiança/acusação de roubo repousa sobre um saber compartilhado na lógica de uma sociedade hierárquica onde a acusação sempre recai sobre o subalterno (2000, p. 123). Ao acusarem as empregadas pelo desaparecimento de um item, as patroas, demarcam assim a distância entre família e não família.

Imagem 11: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 15 jul. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

“Essa folgada! Rouba o meu Dimple<sup>22</sup>...” A cena já é familiar aos leitores e leitoras do jornal: Waldirene em frente ao fogão, desta vez com uma expressão enfezada, enquanto Dona Heloísa a assiste absorta em seus pensamentos. No quadrinho seguinte a patroa continua: “... E ainda fica mal humorada porque é falsificado... Eu devia demiti-la e arranjar uma... que roubasse perfume...!”.

O contraste entre trabalho e tempo livre sustenta a tirinha do início ao fim e merece ser destacado. Enquanto Waldirene trabalha durante os três quadrinhos a patroa a assiste com tempo suficiente para fazer perguntas e respondê-las a si mesma, típica da sua condição ociosa.

Waldirene é representada com a face enfezada, ao que tudo indica, por ter roubado um whisky importado da patroa, porém a bebida era falsificada. Bonson aqui, brinca também com a classe média da qual advém Dona Heloísa que, muitas vezes, ostenta uma riqueza que não possui, como no caso, um whisky conhecidamente caro, mas falsificado.

A piada reside, finalmente, na tomada de consciência de Dona Heloísa de que o elemento do roubo na relação empregada doméstica-empregador é uma questão estrutural e não pessoal. O problema está longe de residir sobre a índole de Waldirene, mas se confirma como uma questão essencialmente pautada pela diferença de classe. Ao destacar as narrativas de roubo, Bonson frisa a distância social entre patroa e empregada. Vale lembrar que, como ressaltou Skidmore (1999), o abismo social

<sup>22</sup> Tradicional whisky escocês.

produzido pela crise econômica na década de 1980, salientou um ambiente onde a população pobre, mais do que nunca, surgiu como ameaça, devido aos altos índices de criminalidade. Segundo Melo, ao longo do século XIX e XX, mulheres jovens e pobres originárias do interior eram enviadas às famílias mais ricas até que encontrassem um casamento. Esta migração era pautada num acordo tácito na forma de uma “ajuda contratada” na qual as meninas prestavam serviços domésticos em troca de moradia e comida (1998, p.01). Roncador, neste sentido, completa que o trabalho doméstico tal qual se apresenta atualmente, é uma variante perversa deste tipo de contrato assumido por meninas igualmente cedidas por suas famílias que vivem em casas alheias, em uma situação de extrema vulnerabilidade (2003, p.60). Ou seja, a realidade da imensa maioria destas empregadas é essa de uma mulher pobre e extremamente vulnerável, condição favorável à validação do estereótipo da empregada ladra, como ressaltado em muitas tirinhas produzidas por Bonson.

É interessante notar que o desfecho da história traz uma patroa resignada à condição que enfrenta com os roubos. A possibilidade de ser roubada aparece como um risco que precisa ser corrido, pois a patroa não se sujeitaria a fazer o que faz a empregada. Ao cabo, Dona Heloísa prefere ser roubada à executar os serviços que Waldirene executa. Nas entrevistas realizadas com patroas, Suely Kofes, descreve que é recorrente a caracterização da empregada como uma estranha, um “mal necessário”, assim como ressaltam o caráter escravizador das atividades domésticas (1994, p.129). As entrevistas confirmam a aceitação do estereótipo no humor acionado pelas tirinhas, uma vez que o imaginário da empregada como ameaça encontrava ressonância nos discursos das patroas pelo Brasil afora.

## Capítulo 3

### Consciência de classe: táticas de sobrevivência perante a classe média

As empregadas domésticas são o objeto desta pesquisa, todavia não trabalho com a voz direta destas mulheres, mas sim com a lente colocada por Sérgio Bonson sobre a temática. Por esta razão, neste capítulo intento debater a posição do cartunista no mundo do humor através de suas escolhas roteirísticas. Reconhecido como um artista de esquerda, no contexto no qual estava inserido, como foi apresentado na introdução do trabalho, a trajetória pessoal de Bonson ganha destaque, pois o trabalho como cartunista e ilustrador foi o principal sustento do artista durante sua vida. Neste sentido, sendo a crítica social um componente desta *expertise*, era requerido de um cartunista estar atento aos acontecimentos em seu entorno. Este capítulo, busca fornecer subsídios, para analisar como o artista se colocava em sua obra, ressaltando as possíveis críticas e limitações de seu trabalho como cartunista. A partir disto, elenco 9 tirinhas nas quais o cartunista apresenta Waldirene se movimentando taticamente dentro do espaço onde se encontra circunscrita.

Imagem 12: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 03 ago. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

A cena é bastante comum aos leitores e leitoras: Waldirene em frente ao fogão e Dona Heloísa vigiando a empregada. Waldirene absorta em seus pensamentos reflete:

“Vou sentir saudade da **despensinha** da D. Heloísa...”. O pensamento da patroa esclerece o motivo do saudosismo de Waldirene: “Essa bandida! Vai casar e me deixar na mão...”. Na contínua vigília do trabalho de Waldirene, Dona Heloísa se aproxima do fogão e experimenta a comida que a empregada está cozinhando: “Em compensação, vou me livrar desse **rádio barulhento**, dos **desfalques** na geladeira...”. Em pensamento, Waldirene prossegue: “Mas pra compensar vou me livrar dessa velha rabujenta.” No último quadrinho, Waldirene volta para seu posto inicial e com uma feição vingativa pensa: “Mas, antes de ir vou assaltar os queijinhos, presuntos, dimples...” Da mesma forma, com uma expressão rancorosa, Dona Heloísa sai de cena pensando: “Antes, dela ir, vou exigir comidas de primeira, limpezas impecáveis...”.

O clima de guerra no qual vivem as duas mulheres fica bastante evidente nesta tirinha, representando bem o conflito patroa-empregada protagonizado por Dona Heloísa e Waldirene. O fluxo de colocações e demandas entre as duas, segue mesmo que este seja realizado sem que nenhuma exponha verbalmente o que está pensando. O humor nesta tirinha encontra-se justamente nas duas acharem que estão tirando vantagem uma sobre a outra, mas no fim se encontram em pé de igualdade quando se refere à demandas e táticas. Destaco aqui que ao inferir que as duas mulheres encontram-se igualmente tirando proveito da condição na qual se encontram, a tirinha desvela superficialidade ou até mesmo certa perversidade na construção das subjetividades constituintes da relação de poder que existe entre as duas. Parece-me impossível igualar uma dinâmica de relação de poder que nunca será equiparável. Pois por mais que Waldirene se utilize de despensas como vantagem – o que, na verdade deveria se constituir muito mais um direito – ou roube algum produto da geladeira de sua patroa, não são ações suficientes para alterar o lugar que ocupa na pirâmide social e menos ainda inverter a vulnerabilidade econômica que se encontra perante sua patroa. Ainda assim, o cartunista apresenta uma empregada não-dócil e que dentro do espaço onde se encontra circunscrita busca tanto quanto possível tirar vantagem da situação na qual se encontra.

Ao demonstrar que a preocupação da patroa reside no fato de Waldirene optar se casar, Bonson, demonstra o quanto a vida pessoal da empregada está imbricada e diretamente relacionada com a profissão que executa. O casamento das empregadas constantemente era uma pauta presente nas preocupações das patroas, pois a disponibilidade das domésticas para com as famílias para as quais trabalhavam, esteve

frequentemente relacionada com o quanto suas vidas pessoais exigiam delas. Quanto maior a dependência financeira de uma empregada sobre seus empregadores, mais vulnerável às demandas de seus patrões, permaneciam as domésticas. O casamento, assim como a gravidez, significavam uma mudança nas relações de trabalho, especialmente para aquelas que viviam, em condição de favor na casa das patroas.

Em contrapartida a saída de Waldirene, significava para a patroa livrar-se do rádio barulhento e dos roubos. O rádio é um elemento de extrema importância na construção da personagem e atua como um demarcador de classe. Em um trabalho de campo realizado entre 2010 e 2012 sobre o consumo cultural de empregadas domésticas na cidade de São Paulo, a pesquisadora Renata Macedo (2013), em sua dissertação de mestrado, destacou o rádio, junto da televisão, como os dois principais meios de consumo cultural das empregadas. É interessante que ainda em 2010 o rádio apareça como um dos principais meios de consumo das empregadas. Tudo leva a crer que a afiliação destas mulheres com o rádio tem muito que ver com a carga cultural que o universo radiofônico estabeleceu com a profissão durante anos, pois mesmo com a popularização de outras tecnologias, como os *smartphones*, as empregadas continuam recorrendo ao rádio. Das 27 empregadas entrevistadas por Renata Macedo, 9 afirmaram ouvir rádio todos os dias e apenas 2 declararam não gostar da mídia (2013, p. 54). A possibilidade de conciliação desta mídia com os serviços a serem executados nas tarefas diárias, destaca-se como uma das principais razões por que esta mídia se popularizou entre esta classe de trabalhadoras. As estações de rádio consumidas tanto pelas empregadas entrevistadas por Macedo, quanto por Waldirene classificam-se como de gosto popular e a partir desta característica que o elemento surge como uma ferramenta de diferenciação de classe. Nas tirinhas de Bonson, frequentemente, Waldirene é representada em conflito com os membros da família onde trabalha – e eventuais casas onde prestava serviço – por não compartilhar do mesmo gosto musical apreciado por seus patrões. Macedo coloca que o rádio ligado das empregadas, muitas vezes, constitui um motivo de tensão entre patroa e empregada relatando vários casos de incômodo das patroas com o volume ou a estação escutada pela empregada (2013, p.55). Assim como Waldirene, a maioria das empregadas domésticas entrevistadas por Macedo estabelece uma relação de fidelidade com as estações de rádios constituindo uma relação próxima com os radialistas e os outros ouvintes (2013, p. 55). Estes paralelos das tirinhas com situações reais, aparecem nesta análise, como forma de ressaltar a importância de se

pensar a inserção do humor na sociedade e conseqüentemente a maneira como estas duas searas se retroalimentam.

Ao passo que Dona Heloísa se livraria do rádio, Waldirene fica feliz ao lembrar que vai estar livre das implicâncias da patroa, alcunhada: velha rabugenta. É então no último quadrinho, que as duas apresentam suas estratégias de vingança contra as incomodações descritas anteriormente. Para se vingar da patroa, a doméstica apresenta o seu plano de assaltar a geladeira da família, roubando queijo, presunto e *Dimple*. A vingança de Waldirene atesta sua miséria perante Dona Heloísa. A empregada recorre ao roubo para comer produtos de ordem relativamente básica, a exceção do whisky, que entra em cena para compor a ousadia da personalidade de Waldirene; da mulher que bebe, sabe se divertir, namorar e quando necessário afrontar sua patroa. Já Dona Heloísa, por outro lado, se utiliza de sua posição de poder sobre Waldirene, para exigir da empregada trabalhos pesados.

É importante destacar que as formas de “vingança” elencadas por Bonson têm pesos extremamente diferentes no que se refere a moralidade da opinião pública. O roubo, moralmente, é uma das piores ofensas que alguém pode proferir a outrém ao passo que as exigências de Dona Heloísa, podem ser encaradas apenas como parte do trabalho que a empregada teria que executar.

Imagem 13: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 12 ago. 1987. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

“Humm... que cheiro ruim. Essa comida deve tá uma droga.” reclama Dona Heloísa para Waldirene. Sagazmente e com uma expressão de revolta a empregada responde: “Chama-se ‘contenção de despesas’ e a receita é sua: ... carne moída de 2ª e bem pouquinho tempero”.

Esta tirinha reúne vários elementos passíveis de compreender melhor a construção das subjetividades dos papéis de patroa e empregada. O primeiro que gostaria de debater é a constante vigília sob a qual vive Waldirene. Muitas das tirinhas – inclusive dentre as selecionadas aqui – iniciam com alguma colocação de Dona Heloísa, posicionada no canto da cena, silenciosamente observando a empregada. É interessante ressaltar que não só o trabalho executado por Waldirene está sob vigília, mas também sua vida pessoal. O que faz, como faz, seu corpo e também sua vida sexual sejam motivos de diversos comentários oriundos da patroa que, frequentemente, a observa detidamente. Os olhos de Dona Heloísa atestam, primeiro o poder da patroa sobre a empregada, no que se refere à disciplina e também indica a ociosidade com que vive Dona Heloísa, podendo despendar horas a olhar Waldirene.

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (FOUCAULT, 1987, p.143).

Em sua famosa obra *Vigiar e Punir*, Foucault debate, entre outros, a função do poder disciplinador nas sociedades modernas, aqueles cuja função maior constitui em operar pelo adestramento (1978, p.143). Ao olhar sua empregada, a patroa garante que o poder disciplinador impere sobre seu trabalho e também sua conduta. A perversidade do poder disciplinador está no fato de que mesmo quando a patroa não está assistindo Waldirene, ela poderia estar e isso por si só seria capaz de induzir as ações da empregada.

Após examinar Waldirene, a primeira atitude de Dona Heloísa foi proferir uma reclamação sobre a comida que a empregada estava cozinhando. O cheiro ruim detectado pela patroa a fez concluir, mesmo sem experimentar, que a comida feita por Waldirene deveria estar uma “droga”. Aqui e em muitas outras tirinhas ocorre algo bastante presente na realidade da profissão, a subestimação do trabalho executado pelas

domésticas. Tudo que Waldirene faz é ruim, ainda que na maioria das vezes, Dona Heloísa ateste incapacidade de executá-lo melhor ou mesmo igualmente, como veremos na imagem 17, adiante.

A tática de Waldirene à reclamação da patroa, é prontamente transferir a culpa da má execução de seu serviço para Dona Heloísa. Para tanto a empregada ressalta a avareza da patroa que, ao que tudo indica, utiliza o discurso de “contenção de despesas” de Dona Heloísa contra ela mesma e finaliza dando a receita da comida que está preparando: “carne moída de segunda com bem pouquinho tempero.”<sup>23</sup> Além da baixa qualidade, o bem pouquinho tempero, refere-se ao mesmo tempo à avareza de Dona Heloísa e a sempre presente “preguiça” de Waldirene em executar seus serviços. Desta forma a empregada faz como quer e ainda redime a si mesma da bronca que a patroa endereçou a ela.

**Imagem 14: Waldirene A AM**



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 07 set. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Waldirene sentada à mesa descascando batatas, quando Dona Heloísa se aproxima e comenta zangada: “O almoço ontem tava horroroso, Waldirene!”. No quadrinho seguinte Waldirene já aparece pilotando o fogão e Dona Heloísa, representada, em sua posição de vigília, apenas com a cabeça em cena: “Vê se hoje, um feriado, capricha!”. Animadamanete Waldirene responde: “Pode deixar, D. Heloísa...”.

<sup>23</sup> A carne moída, por si, já é conhecida por ser, dentre as carnes bovinas, uma opção barata. Somado a isto, Waldirene ainda a caracteriza como uma carne de “segunda” qualidade, em contraste com os cortes de carne de primeira qualidade que são considerados mais nobres e caros.

Assim que a patroa vira as costas, Waldirene mostra o porquê de sua animação: “Nem pensar em arroz com ovo. Hoje vamos de... ..Macarrão com salsicha!”.

Nesta tirinha, como na anterior a primeira atitude de Dona Heloísa consiste na subestimação do trabalho de Waldirene. Considerando os elementos que circundam as subjetividades atuantes na relação patroa-empregada o desmerecimento dos trabalhos executados pelas empregadas, é bastante presente nos depoimentos e enredos fictícios. Desmerecer o trabalho das domésticas atua como uma estratégia de desvalorizar os serviços prestados por elas e, de alguma forma justificar, a baixa remuneração e más condições empregatícias nas quais vivem essas mulheres.

A tirinha foi publicada no dia 07 de setembro de 1988, feriado de comemoração da independência do Brasil. A perversidade da classe média pode ser vista no comentário egoísta de Dona Heloísa ao enfatizar que por ser feriado, Waldirene deveria “caprichar” na comida. O fato de a doméstica estar trabalhando num feriado não acarretou nenhuma empatia na patroa que, do contrário, apenas aproveitou a data especial para demandar um trabalho ainda mais elaborado de Waldirene. A luta dos trabalhadores domésticos pela jornada de trabalho de 44 horas semanais, como era garantido às demais categorias de trabalhadores brasileiros, só viria ser garantida 25 anos após a publicação desta tirinha. Segundo os dados coletados na pesquisa de Melo em 1985, 64,38% dos trabalhadores domésticos tinham jornadas de trabalho acima de 44 horas semanais, ao passo que a média no setor de serviços neste mesmo ano ficava em 47,9%. Em 1995, a taxa de participação dos trabalhadores domésticos que trabalhavam mais do que 44 horas caiu para 47,93%, seguindo a tendência da redução de jornada dos trabalhadores brasileiros em todas as áreas. A pesquisa empenhada pela economista também concluiu que a pior remuneração por média/hora trabalhada refere-se às jornadas superiores à 48 horas semanais, somando estas duas condições degradantes uma à outra. (MELO, 1998, pp.24-25).

A tática da empregada consistiu, em fingir que acataria o pedido da patroa, mas sendo ainda mais esperta, substituiu seu prato de fácil execução favorito por outro tão fácil quanto. Não tendo muita alternativa de movimentação dentro do espaço onde se encontra circunscrita, como vimos no capítulo 2, Waldirene se movimenta dentro de suas possibilidades. Se Waldirene passa a maior parte do seu dia em frente ao fogão,

resta a ela responder taticamente ao autoritarismo da patroa, cozinhando uma comida que incomodasse a patroa.

Em *A Invenção do Cotidiano*, Michel de Certeau, empenha-se em desmistificar a noção de que consumidores ou “dominados” nas relações de poder sociais encontram-se apenas dóceis e passíveis às estruturas que lhes são impostas. Do contrário, operariam através de “táticas” para movimentar-se neste espaço.

Referindo-se a ideia da microfísica do poder que impera na disciplina das instituições e das relações de poder de Michel Foucault, Certeau vai ainda mais adiante:

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da vigilância, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que maneiras de fazer formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados” ?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política. (1998, p. 41).

Estas “maneiras de fazer”, como chama o historiador, constituem as diversas práticas operadas pelos consumidores e dominados para reapropriar o espaço organizado pelas técnicas da produção cultural. O teórico acredita que para alterar e jogar com o poder dominante uma multiplicidade de “táticas” são articuladas em “detalhes” do cotidiano. A hipótese de Certeau é que grupos ou indivíduos presos pelas redes de “vigilância” assumem táticas que contam com criatividade e astúcia que constituem uma rede de antidisciplina (1998, pp.41-42). É certo que nesta análise quando falo de Waldirene, estou tratando de uma personagem e não um indivíduo, todavia debato as práticas sócio-culturais presentes na sociedade onde vivia Bonson e como estas forças presentes nas mais variadas relações de poder compunham e reverberavam sua produção artística.

No sentido que coloca Certeau, cozinhar consiste numa prática cotidiana. Ao cozinhar macarrão com salsicha, ao invés de executar um prato “caprichado”, como requisitou a patroa, Waldirene a transforma em uma tática. Ao contrário de constestar a patroa ou desacatar o seu pedido, a empregada aplica uma tática de enfrentamento, através de um “detalhe” dentro de uma ação cotidiana.

A “estratégia” “postula um lugar capaz de ser circunscrito como próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta.” (CERTEAU, 1998, p. 46). Já a “tática”, para Certeau, é sempre ocasional. O fraco tirando proveito se situações que lhe são estranhas (CERTEAU, 1998, p.47). Todavia, esta não “dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias.” (CERTEAU, 1998, p. 46). É precisamente por estas duas definições que considero o caso de Dona Heloísa e Waldirene, como estratégia e tática, respectivamente. Por mais que Waldirene conteste e se movimente dentro do espaço onde se encontra circunscrita, suas táticas são apenas respostas ocasionais, cuja utilização não lhe possibilita emancipação ou independência da condição na qual se encontra. É possível enxergar nas táticas utilizadas por Waldirene, formas que o cartunista encontrou de apaziguar a consciência da classe média, ao representar uma empregada indolente e ousada, mas que em realidade não consegue escapar das forças de poder que incidem sobre ela.

Outro exemplo claro disto, mostra-se na tirinha seguinte:

Imagem 15: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 31 out. 1987. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

À revés da grande maioria, Waldirene inicia a tirinha dentro do quarto de Dona Heloísa e com uma expressão confusa olha a prateleira vazia: “Ué! Cadê os creminhos e loções da D. Heloísa?”. Na cena seguinte, a atenção volta-se totalmente a expressão de Waldirene, que em trânsito para a surpresa apresentada no quadrinho final, surge com um semblante vingativo e satisfeito: “A bandida escondeu... mas, tudo bem!”. É então

que, de volta a cozinha, a empregada é representada sentada à mesa em frente à vários potes de palmito, com a boca cheia: “Palmito também é bom pra pele!”.

É interessante ressaltar que na primeira tentativa frustrada de roubar sua patroa, Waldirene a chama de “bandida”, invertendo totalmente a lógica do roubo. “Bandida” passa a ser Dona Heloísa ao esconder seus produtos para que Waldirene não os roube. Para Certeau (1998), o trabalho de reconhecer as táticas consiste em sugerir algumas maneiras de pensar as práticas, dentre as quais se encontra a fala. Todos os detalhes destas atividades merecem ser considerados, pois correspondem às astúcias do tático, são “gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’ [...]” (CERTEAU, 1998, p.104). Ao chamar a patroa de “bandida”, Waldirene delega a ela a atitude imoral e não a si mesma. Waldirene enxerga a atitude da patroa como uma avareza e, portanto, merece ser castigada. Inconformada com a impossibilidade de roubar seus “creminhos”, a empregada ataca os vidros de palmito da patroa. Este é um exemplo bastante nítido de como Waldirene se desdobra para efetivar suas táticas perante Dona Heloísa. Se a patroa é quem detém os “creminhos”, ou o poder da situação, e os esconde, esta encontra outra maneira de cuidar de sua pele sem deixar de passar a perna na patroa. Comer palmitos continua representando um enfrentamento contra a patroa, pois, como mostrei anteriormente, tratava-se de um produto alimentício caro para uma empregada conseguir comprar. Nesta tirinha, Bonson, demonstra que mais importante do que cuidar da própria pele o indispensável para a empregada era vencer sua patroa da forma como lhe era possível.

Imagem 16: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 11 mar. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Em frente ao fogão, Waldirene é interpelada por uma voz que vem de fora da cena: “Waldirene, sai um ensopado de garoupa, um arroz à grega... Um filé à parmegiana, uma salada russa, um inhoque com frango...” A voz continua no quadrinho seguinte, ao que já encontra Waldirene com os braços cruzados e feição emburrada: “...e de sobremesa, um crepe suzette e um pavê de chocolate.. Ah e uma torta de morango...”. Com uma expressão vingativa, Waldirene então retruca: “D. Heloísa, sai um salário em OTN, gratificação de função, hora extra... hum e salário insalubridade.”

Esta tirinha representa bem o conflito entre as exigências feitas por Dona Heloísa e os direitos trabalhistas de Waldirene. É importante destacar que esta tirinha foi publicada em março de 1988, momento em que o Brasil vivia o auge de sua crise inflacionária. Em fevereiro de 1986, foi lançado o Plano de Estabilização Econômica (PEE), conhecido como Plano Cruzado, esta PEE instalou o “gatilho salarial” cuja função consistia em corrigir os salários, sempre que a inflação superasse 20% ao mês. A Obrigação do Tesouro Nacional (OTN), a qual se refere Waldirene, tratou-se de uma indexação que vigorou até 1989, que requeria um reajuste salarial de acordo com o câmbio inflacionário.<sup>24</sup> A gratificação de função, por sua vez, constitui um adicional salarial proporcionado pelo empregador, normalmente destinado à cargos de confiança, obedecendo uma hierarquia empresarial. A gratificação de função, dificilmente constituiria um direito de uma empregada doméstica, ao representar Waldirene, requerendo uma série de direitos, Bonson apresenta uma empregada munida de informações, ao mesmo tempo em que parece apenas repetir um discurso generalizado e impreciso. Além disso, a empregada completa com o direito ao pagamento das horas extra de trabalho e salário insalubridade.<sup>25</sup> As demandas de Waldirene, estão, em sua grande maioria, equiparadas com as reais necessidades com que viviam estas empregadas. O direito ao pagamento de hora extra, por exemplo, só foi incorporado juridicamente em 2013, além de que o direito à remuneração por insalubridade parece bastante coerente, uma vez que seus afazeres diários envolvem o manuseio de produtos químicos, eletricidade, riscos de altura, além do assédio moral e sexual sob os quais estavam vulneráveis.

Ao requisitar que Waldirene lhe faça toda uma série de comidas refinadas, considerando a situação econômica na qual vivia o Brasil, a patroa escancara a

---

<sup>24</sup> <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/355/noticia>. Acesso em: 08 Nov. 2019.

<sup>25</sup> O salário insalubridade é destinado às pessoas que exercem funções que oferecem algum risco a saúde.

desigualdade social entre as duas. Enquanto Waldirene, normalmente não pode arcar com as despesas de presunto e queijo, Dona Heloísa ostenta ingredientes caros. Bonson, todavia, retrata uma empregada ciente de sua falta de direitos, que ao invés de simplesmente acatar as ordens da patroa, responde listando uma série de direitos que deveriam estar sendo providos a ela, ao invés de esbanjar com pratos requintados. Se Dona Heloísa quer exigir de Waldirene pratos trabalhosos, ela deveria ao menos pagar por alguns direitos básicos.

Ainda que não tenha tido um caráter juritrabalhistas, a Lei Áurea, que promulgou o fim da escravidão, em 1888, alterou as relações de trabalho, e por este motivo é considerada o marco inicial da história do direito do trabalho no Brasil. Os ex-escravos a partir desta lei, alçaram o status de trabalhadores livres, o que automaticamente lhes conferiu alguns direitos, contudo os trabalhadores domésticos, apenas passaram a exercer um trabalho informal, sem os direitos de um trabalhador comum, muitas vezes trabalhando em troca de comida e moradia. Mesmo com a instauração do decreto-lei n. 5.452 que estabeleceu a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a profissão de empregado doméstico continuou sem contar com nenhum direito ou benefício. Apenas em 1972, ainda que muito modestamente, algumas poucas prerrogativas e proteções a esta classe de trabalhadoras, viriam a entrar em vigor, com a Lei n. 5.859, cujos benefícios contituíam serviços de previdência social, férias anuais com adicional de 1/3, carteira de trabalho e direito a vale transporte. Depois da CLT, a principal conquista dos trabalhadores brasileiros, veio com a promulgação da Constituição de 1988, com ela muitas outras garantias foram asseguradas aos trabalhadores brasileiros e a profissão de empregada doméstica obteve alguns direitos, previstos em 9 dos 34 incisos do art. 7.<sup>26</sup>

O avanço mais expressivo para a história dos direitos trabalhistas no âmbito do emprego doméstico aconteceu somente em 2013, com a já mencionada, “PEC das domésticas”, a qual alterou o art.7 da Constituição Federal, visando finalmente igualar os direitos dos trabalhadores domésticos, urbanos e rurais.<sup>27</sup> É curioso que o ítem pagamento de hora extra, por exemplo, viria a compor o texto da PEC, apenas em 2013, 25 anos depois da reclamação de Waldirene.

---

<sup>26</sup> Informações retiradas do website: <<https://jus.com.br/artigos/40811/trabalho-domestico-no-brasil-os-avancos-trazidos-pela-lei-complementar-150-15>> Acesso em: 11/11/19.

<sup>27</sup> Informações retiradas do website: <<https://jus.com.br/artigos/40811/trabalho-domestico-no-brasil-os-avancos-trazidos-pela-lei-complementar-150-15>> Acesso em: 11/11/19.

Segundo Dayane Rose Silva (2015) em seu artigo para o site jus.brasil, até a promulgação da PEC, as trabalhadoras domésticas permaneceram desfavorecidas e discriminadas, sem acesso à muitos direitos, padecendo sob resíduos da época da escravidão.<sup>28</sup> É importante destacar que a PEC constitui uma mudança substancial para a legislação trabalhista do trabalho doméstico, todavia afirmar que estas mudanças estão sendo incorporadas e, de fato, alterando a realidade destas trabalhadoras, requeriria um estudo investigativo à parte. É possível que muitas permaneçam exercendo trabalhos ilegais, assim como é possível que a lei tenha levado a alteração do status de trabalhadoras assalariadas para o de diaristas, executando jornadas de trabalho diárias, sem vínculo empregatício.

Imagem 17: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 16 jul. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

“Precisa-se de empregada doméstica, paga-se muito bem...” Anuncia o rádio ligado ao lado do fogão onde Waldirene faz a comida. Ao perceber que se trata de uma oferta de emprego, a doméstica animadamente agarra o rádio que continua: “... 50 OTNs por mês, 13º salário, férias, abono, URP<sup>29</sup>,”. No último quadrinho, então, surge o

<sup>28</sup><https://jus.com.br/artigos/40811/trabalho-domestico-no-brasil-os-avancos-trazidos-pela-lei-complementar-150-15> Acesso em: 11/11/19.

<sup>29</sup> Assim como a OTN, anteriormente citada, a Unidade de Referência de Preços (URP) tratou-se também de um indexador financeiro que visava reajustar os preços e salários de acordo com os câmbios inflacionários. A URP criada pelo Plano Bresser, em 1987, foi extinta em janeiro de 1989, com a implementação do Plano Verão.

Mais informações: <<https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/25anosreal>> Acesso em: 12/11/19.

autor da proposta, o político e radialista Soiza, que passa as diretrizes de como proceder para a vaga: “Tratar com Soiza... ...Depois de eleito!”.

Soiza é um político, dono da rádio na qual Waldirene está sempre conectada. A personagem é conhecida dos leitores e leitoras do jornal por sua má índole, no que se refere a sua postura como político e candidato, e também à sua atitude de conquistador perante às mulheres. Ele frequentemente é representado sendo rechaçado por suas promessas falsas, tanto por seus eleitores como, inclusive, por sua própria mãe. O humor nesta tirinha, portanto, encontra-se justamente na relação entre uma oferta vantajosa de emprego para empregadas domésticas e as promessas falsas de campanha de Soiza. Ao relacionar uma vaga de emprego cujo salário é alto e os direitos condizem com os direitos usufruídos por outras classes de empregados, como 13<sup>o</sup> salário, férias, etc., com uma falsa promessa de campanha, Bonson confirma a decadência da profissão, que não conta com muitos direitos básicos e possivelmente não contará tão cedo, pois como todas as promessas de Soiza, esta também não se realizará.

A atenção de Waldirene é cooptada, logo no início do anúncio que diz pagar muito bem pelo trabalho de uma empregada doméstica. O tema da remuneração merece alguns apontamentos quando se quer debater a situação da profissão de empregada doméstica. Segundo Melo, o serviço doméstico é um dos setores profissionais de pior remuneração dentre os trabalhadores. Se comparado com o setor da construção civil – que abriga homens, também migrantes e com baixa escolaridade – apenas 48%, em 1980, recebiam até 1,5 salário mínimo, enquanto que dentre as trabalhadoras domésticas a porcentagem subia para 93,6%. (MELO, 1993, pp. 217-218 apud MELO, 1998, p. 19).

Em seu estudo comparativo, Melo, cotejou diversos aspectos da profissão de empregado doméstico em dados coletados em 1985 e 1995. Segundo a economista, dentro desta década, na qual as tirinhas estão sendo produzidas, pouca mudança ocorreu referente à remuneração da profissão. Em 1985, 87,57% dos trabalhadores do setor trabalhavam desde sem remuneração até um salário mínimo, em 1995, este número caiu para 65,41% (MELO, 1998, p.19). À primeira vista, os resultados parecem positivos, mas a pesquisadora levanta que nesta mesma década o salário mínimo deflacionado caiu na mesma proporção que a porcentagem de trabalhadores que recebiam um salário tão baixo e ao cabo não houve melhora salarial (MELO, 1998, p.19). Todavia, a economista afirma que há razões para crer que a profissionalização da profissão estivesse em curso

no país e a sua mercantilização mais acentuada encontrou-se nas regiões mais desenvolvidas do país como o Sudeste e o Sul. Nestas regiões houve um aumento mais expressivo no número de trabalhadores que recebiam mais de dois salários mínimos (MELO, 1998, p.21).

Imagem 18: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 30 nov. 1988. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Esta tirinha faz parte de uma série na qual Waldirene, passando a reivindicar seriamente seus direitos trabalhistas, abandona o seu trabalho, deixando “D. Heloísa na pior” como assim batizou Bonson. “Aumento já! Ou greve geral” a famosa cozinha onde trabalha Waldirene amanhece tomada por uma faixa feita pela empregada anunciando que requer um aumento de salário ou entrará em greve geral. Dona Heloísa surpreendida pela faixa exclama: “Aquele bandida da Waldirene! Foi embora e me deixou na mão...”. No próximo quadrinho Dona Heloísa é representada numa expressão de perplexidade perante os instrumentos de trabalho de Waldirene e diz: “Eu não sei fazer nada com as ferramentas dela!”. No último quadrinho então, a patroa aparece sentada à mesa comendo palmito e bebendo *whiskey* e conclui o pensamento iniciado anteriormente: “A não ser... com algumas.”

O primeiro elemento a ser tocado pelo cartunista diz respeito a uma tomada de consciência de classe de Waldirene como uma trabalhadora doméstica. Bonson aqui faz referência a greve geral de 1979, na região do ABC<sup>30</sup> de São Paulo. O evento constitui-

<sup>30</sup> O ABC é uma região tradicionalmente industrial parte da região metropolitana de São Paulo composta pelas cidades de Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C).

se um acontecimento bastante relevante para a história do país. Em plena ditadura militar 3 sindicatos do ABC aprovaram uma paralização que reivindicava, assim como Waldirene, um aumento salarial. Os sindicalistas enfrentaram forte repressão por parte do governo, mas por outro lado obtiveram o apoio da Igreja Católica, do partido de oposição à ditadura (MDB), de artistas famosos e pela primeira vez foi organizado um fundo de greve para que os cerca de 200 mil trabalhadores recebessem doações. Mesmo contrariamente aos demandas do Tribunal Regional do Trabalho e a Federação de Indústrias de São Paulo (Fiesp), os trabalhadores sob a liderança do presidente do sindicato dos metalúrgicos, Luiz Inácio da Silva, decidiram pela manutenção da greve, obrigando os empresários a negociar. São Bernardo do Campo, ganhou os holofotes e tornou-se o centro político do país. Em 13 de maio, uma assembléia dos grevistas optou por aceitar o reajuste de 63% proposto pelos patrões, ainda que a reivindicação inicial fosse um aumento de 78,1%, a greve mostrou-se como um avanço da organização dos trabalhadores e consolidou a independência do movimento.<sup>31</sup> A greve de 1979 foi uma grande conquista para a esquerda, em oposição a ditadura e a toda a classe de trabalhadores do país, constituindo-se um evento temido pelas elites e pelos empresários do Brasil.

É interessante que nos quadrinhos quem detenha o papel de grevista seja uma empregada doméstica, justamente uma profissional de uma das classes mais desfavorecidas em termos de representação sindical e direitos trabalhistas. Bonson, desta forma, ressalta a cômico que seria uma empregada doméstica se colocar como grevista, ao mesmo tempo que, de alguma maneira, também lembrasse à classe média florianopolitana que apesar das condições de trabalho destas mulheres elas constituíam uma classe de trabalhadores exploradas como qualquer outra.

Outro elemento acionado por Bonson é a mulher rica e incompetente incapaz de realizar serviços domésticos básicos como cozinhar, confirmando assim que a patroa, apesar de sempre subestimar o trabalho de Waldirene não é capaz de fazê-lo igualmente e menos ainda melhor. O humor do desfecho reside no fato de que a única coisa que Dona Heloísa sabe fazer como a sua empregada é comer e beber bem. Esta tirinha brinca com o fato de que, no fim, as duas gostam das mesmas coisas, a diferença é que

---

<sup>31</sup> Informações retiradas do portal Memorial da Democracia. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/a-grande-greve-dos-trabalhadores-do-abc>>. Acesso em: 19 Nov. 2019.

uma tem condições de realizá-las ao passo que a outra só é capaz de fazê-las na desonestidade.

Imagem 19: Waldirene A AM



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 07 set. 1989. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Waldirene descascando batatas é surpreendida pela patroa, que erguendo um porta retrato de sua mãe fala: “Você carunchou<sup>32</sup> e empenou o retrato da minha vó!”. Agressivamente, Dona Heloísa continua: “Vai perder 5 dias de salário por isso!”. Waldirene com ares de desdém, sem deixar de descascar batatas, responde: “Coitada da sua vó. A senhora dá pouco valor a ela...” A resposta surpreende Dona Heloísa, que confusa olha o retrato de sua mãe.

Novamente o tema da tirinha traz à tona a incompetência de Waldirene em executar seus serviços. O quadro com o retrato da vó de Dona Heloísa danificou-se, por ter sido inapropriadamente limpo pela empregada. Como resposta ao erro cometido por Waldirene, a patroa anuncia que sua funcionária será punida com a redução de seu salário. Além da vigilância que exerce sobre a empregada, Dona Heloísa, se utiliza de sua posição de poder para punir Waldirene. Segundo Foucault (1987), a efetivação do disciplinamento ocorre devido não só à vigilância, mas também à punição. O filósofo argumenta que a sociedade ocidental teria passado por uma reforma penal durante o século XVIII, demandando o fim da prática dos suplícios públicos. Tal hábito foi paulatinamente sendo substituído por uma série de práticas que operariam em conjunto

<sup>32</sup> Caruncho é um inseto que ataca alguns tipos de comida, papel e madeira. Quando o pequeno inseto ataca a madeira a deixa oca e frágil. Contudo acredito que o cartunista utiliza este verbo como sinônimo de embolorar, encher de bolor; fungo. Pois para que uma madeira empena é bastante provável que ela tenha sido indevidamente molhada, o que também ocasiona a presença de fungos, e não carunchos.

com o que acabou culminando nos códigos penais atuais (FOUCAULT, 1987). Segundo o autor a reforma foi efetivada pela articulação de dois objetivos o primeiro: a teoria penal e o segundo a estratégia do poder de punir, com o último ocupando por muito tempo um lugar prioritário. O principal objetivo da reforma era acabar com o poder arbitrário do soberano e buscar uma forma de punição cada vez mais universalizada e racionalizada. Isto pode ter dado a sensação de que a nova legislação criminal tenha suavizado as penas, o que aconteceu, todavia, foi que a punição deixou de utilizar apenas o corpo e passou a contar também com a representação. Com a reforma penal, ao invés do castigo corporal o que deveria ser maximizada era a representação da pena (FOUCAULT, 1987). A arte de punir deveria encontrar o castigo que convém ao delinquente e isto é dizer a desvantagem ideal para o sujeito que cometeu o crime. A nova ordem econômica de punição não viria operar igualmente para todos, mas deveria funcionar de forma associativa. A ligação do crime com o castigo deveria ser a mais imediata o possível de forma que incutisse no delinquente o medo de agir da mesma forma novamente (FOUCAULT, 1987).

Para uma empregada doméstica que encara uma das piores remunerações do país, um desconto de salário parece operar numa lógica de desvantagem bastante precisa. As penas modernas passaram cada vez mais a funcionar por analogia e, por isso, no mundo do trabalho, é comum vermos punições como multas, descontos e suspensões. Ainda que o trabalho doméstico não possua um fim lucrativo direto para os contratantes, Dona Heloísa anunciou descontar do salário da empregada o prejuízo que representava o valor da objeto avariado.

Analisado pela lógica das estratégias e táticas é possível reconhecer a patroa lançando mão de seu poder para diminuir o ordenado da empregada que, por sua vez, taticamente responde provocando a patroa ao chamar atenção para sua baixa remuneração. O humor reside na forma como Waldirene executa sua colocação, pois ao invés de apenas reclamar do seu salário, a empregada apela por atingir moralmente sua patroa, que considera sua avó tão miseravelmente quanto paga o salário de sua empregada. Ao apelar por um desfecho como este o cartunista deixa em suspenso a estratégia perversa da patroa em tirar cinco dias do salário da empregada, uma vez que Waldirene nem sequer se posiciona contrariamente ao informe que acabara de receber. Ao se utilizar da tática de ofender a patroa, ela não altera em nada a sua condição, mas dentro de suas possibilidades busca atingir a patroa como lhe é possível.



Referência: Sérgio Bonson. *O Estado*, 29 out. 1989. Acervo: Obras Raras - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

“WALDIRENE UNIDA JAMAIS SERÁ VENCIDA!!<sup>33</sup> GREVE GERAL!”. Dona Heloísa é surpreendida pelo anúncio pintado na parede de sua cozinha. Abaixo do anúncio, a pia com louça acumulada denunciando a ausência da empregada. “Bandida! Folgada! Vou tomar uma providência...”. A providência de Dona Heloísa, trata-se de uma ligação para sua amiga Lucy: “Alô, Lucy? Você não quer entrar pro meu clube?”. Ao que a amiga responde perguntando: “Que clube Heloísa?”. “O clube ‘saudades da escravidão!’”.

Nesta tirinha, Bonson retrata uma classe média enojada pelos avanços lentos dos direitos dos trabalhadores, que personificada no papel de Heloísa demonstra o quão inadmissível é para a elite, a posição de uma trabalhadora que luta por seus direitos. O que talvez não tenha passado pela crítica do cartunista é que, em muitos casos, a condição das trabalhadoras domésticas no Brasil, em realidade, não fosse muito diferente daquela definida pelo trabalho escravo.

Segundo Scott (2013), a definição de escravidão encontrada nos textos da Liga das Nações e das Nações Unidas consiste no “estado ou a condição de um indivíduo

<sup>33</sup> A frase “O povo unido jamais será vencido” faz referência a uma canção do grupo chileno *Quilapayún*, composta por Sergio Ortega, com título original em espanhol “El Pueblo único jamás será vencido”. A canção foi lançada em junho de 1973, como um hino à classe trabalhadora, enaltecendo a mobilização da mesma que, em 1970, tinha eleito o presidente de esquerda Salvador Allende. Logo após o golpe militar, ocorrido em 11 de setembro de 1973, a canção se transformou em um hino de resistência contra a ditadura. O hino ganhou popularidade em toda a América Latina e até hoje ainda é cantado em manifestações populares contra diferentes formas de abuso de autoridade.

Informações retiradas da página: <  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/El\\_pueblo\\_unido\\_jam%C3%A1s\\_ser%C3%A1\\_vencido](https://pt.wikipedia.org/wiki/El_pueblo_unido_jam%C3%A1s_ser%C3%A1_vencido)> Acesso em: 26  
Nov. 2019.

sobre o qual se exercem, total ou parcialmente, alguns ou todos os atributos do direito de propriedade” (2013, p.130). Scott argumenta através de dois exemplos distintos que a escravidão tanto antiga quanto contemporânea, não necessariamente precisa estar relacionada ao direito de propriedade sobre uma pessoa, mas pode referir-se à condição de submissão de uma pessoa ao poder de outra (2013, p.135). Através dos exemplos debatidos pela pesquisadora, nem mesmo durante a escravidão legal existiu a necessidade de provar a propriedade, se o exercício de um domínio senhorial fora comprovado como evidência. Primeiro eram avaliados os exercícios dos “poderes” para então ser analisado o “direito de propriedade” (SCOTT, 2013, p. 136).

Reservei esta tirinha para o final do segundo capítulo, justamente com a intenção de requerer da leitora conhecimento sobre todos os fatores e dados apresentados neste trabalho os quais operam na definição da profissão de empregada doméstica. Do ponto de vista de um domínio senhorial, ou da submissão de um indivíduo ao poder de outro fica impossível negar que o Brasil dos anos 1980, convivia com muitas empregadas domésticas vivendo em condições de trabalho análogas à escravidão. Segundo relatório publicado pelo IPEA, em 2009, 0,5% das trabalhadoras domésticas no Brasil não tinham renda própria. Este indicador sugere, portanto, que ainda nas primeiras décadas dos anos 2000, mais de 30 mil mulheres têm trabalhado em condições análogas às de trabalho escravo (IPEA, 2011, p. 29).

Não apenas a falta de remuneração atua na composição desta condição, mas também a situação de vulnerabilidade na qual viviam estas mulheres – na maioria das vezes migrantes, pobres, analfabetas e vivendo de favor nas casas de seus empregadores – atuavam na sua condição de imobilidade e submissão. Neste sentido, como ressaltado anteriormente, a herança da escravidão no trabalho doméstico do Brasil é um fato e arrastou suas consequências até as formas de exploração do trabalho doméstico assalariado. Roncador ressalta que a visão hegemônica construída sobre a escravidão doméstica como mais branda é facilmente contestada pela ênfase colocada sobre a baixa estima e as cruéis condições de trabalho e de vida dos escravos e escravas que viviam dentro das casas, ainda mais próximos à supervisão e punição advinda das famílias da elite (2017, p. 05).

Vigilância, punição, subestimação, acusação, exploração foram todos elementos presentes na construção da empregada doméstica Waldirene. Ao representar a patroa,

numa atitude extrema, dizendo sentir “saudades da escravidão” o cartunista pode, de certa forma, apaziguar a consciência da classe média que consumia suas tirinhas, a qual provavelmente não se reconhece na atitude extrema de Dona Heloísa, mas dificilmente percebe as condições análogas à escravidão com que vivem suas empregadas domésticas.

Além disso, o humor aqui não vê limites ao tocar num tema tão delicado e presente na realidade brasileira, confrontada com o racismo e o preconceito herdado da escravidão africana mais longa do mundo, oficialmente findada há apenas 101 anos antes da publicação desta tirinha.

## Conclusão

Iniciei esta investigação disposta a analisar os estereótipos acionados nas tirinhas cômicas de Sérgio Bonson na construção da personagem Waldirene. Logo ao começar a pesquisa, percebi que o tema do trabalho doméstico no Brasil toca elementos históricos e cruciais para a história do país que permanecem vivos até hoje. Bastou começar a escrever, para perceber que qualquer história do trabalho doméstico no Brasil não poderia alijar-se de uma reflexão de gênero e raça, mesmo que tangencialmente, por constituir-se uma profissão majoritariamente formada por mulheres afrodescendentes. Se queria compreender como os estereótipos e as piadas tomavam seu lugar dentro do humor nas tirinhas, teria de compreender como se consolidou esta profissão no país para então compreender o que esta história tinha que ver tanto com a construção da personagem, quanto com as condições de trabalho nas quais viviam estas mulheres. Além disso, um panorama político e social do Brasil nos anos 1980, não tratou-se de mera contextualização, mas fundamental para compreensão do humor contido nas tirinhas, pois como vimos fazia menção direta e indireta ao entorno político nacional e local. A necessária contextualização aliada as várias notas de rodapé, comprovam o papel do humor neste trabalho, cuja definição atesta sua conexão com o meio, as experiências sociais e o conhecimento cultural compartilhado, indispensáveis para sua inteligibilidade.

Vimos que se o público consumidor do jornal não estivesse apto a reconhecer subjetividades presentes no imaginário que construiu historicamente a profissão de empregada doméstica, o humor acionado nas tirinhas não poderia ter sido concluído com êxito. A primeira característica que se destacou ao pensar a personagem Waldirene foi o espaço onde a empregada foi repetidamente representada para, a partir daí, refletir sobre o que o espaço poderia dizer sobre a função exercida pela personagem. Resumidamente pudemos ver que a “prisão” na cozinha pode ser tida como uma forma metafórica de dizer a imobilidade. Muito pouco foram as vezes que a empregada foi retratada fora do seu local de trabalho, mostrando que quase nenhum espaço foi reservado para a vida íntima ou pública desta personagem que reverbera, de certa forma, a relação que esta profissão tem com a condição do papel das mulheres na sociedade. Os

homens nas tirinhas de Bonson (Soiza, Alaor, Osmar e Adroaldo), por sua vez, mais frequentemente, habitam espaços de lazer como a rua, a praia e suas próprias casas ainda que possuam ocupações demarcadas na constituição de suas personagens.

A análise sobre os estereótipos mostrou que a relação de Waldirene com sua patroa baseava-se na desconfiança, na rivalidade e demais subjetividades operadas nos esforços de Dona Heloísa em se distanciar social e culturalmente de Waldirene diferenciando seus gostos e afinidades pessoais. Era requerido dos leitores e leitoras do jornal associar que a vulnerabilidade econômica destas mulheres permitia que seus padrões a assediassem sexualmente, assim como as patroas a assediavam moralmente.

Todavia ao longo da análise, fui percebendo que não havia uma única conclusão que definisse o humor presente nas tirinhas, mas que este era composto por ambiguidades, por um artista que se colocava, ainda que inconscientemente, dentre uma elite perversa e uma empregada doméstica explorada, mas que falava desde uma classe média e para uma mesma, mostrando que sua posição política e sua experiência social encontravam-se contempladas nesta ambivalência. Ao mesmo tempo que o lugar de Waldirene nas tirinhas era restrito e prescrito por preconceitos, o humor, em alguns momentos invertia a lógica da subordinação que era esperada da empregada. A audácia de Waldirene é utilizada, inclusive, como um efeito cômico, pois inverte e surpreende a imagem construída sobre as escravas e posteriormente, as mulheres pobres, desprovidas de inteligência e habilidades, que incapazes de tomar as rédeas das próprias vidas, resta-lhes tomar conta da vida dos outros.

As tirinhas auxiliaram na percepção da condição legal da profissão, através das reivindicações jurídicas da empregada em choque com as demandas abusivas da patroa. É possível considerar que o humor colocado na representação de uma patroa carrasca e uma empregada rebelde servisse, sobretudo como uma forma de apaziguar a consciência da elite que consumia o jornal, por lidar com uma classe de trabalhadoras domésticas tão insolentes e desonestas quanto Waldirene.

Trazer o humor a análise cultural é ampliar o seu alcance para além do jargão “é apenas uma piada” é debater que uma piada traz por detrás dela história, disputas de poder, confrontos, narrativas de vencedores. Encarar as tirinhas Waldirene A AM como “apenas uma piada” é ignorar e esconder a longa história da escravidão no Brasil, as

opressões de gênero e a crueldade do racismo que atravessa várias esferas do país ainda hoje.

O objetivo deste trabalho foi ver como as manifestações artísticas se relacionam com o social e, desta forma, se colocar politicamente com o intuito de dar visibilidade a esta categoria de mulheres que ao executar o cargo de empregada doméstica assumem a obrigação do funcionamento doméstico da casa, o papel de mãe perante os filhos e o de esposa perante o marido. Trata-se, sobretudo, de desnaturalizar o papel que foi delegado às mulheres em sociedade e ressaltar que se trata de um trabalho que merece ainda mais atenção quando exercido por mulheres em condição de vulnerabilidade financeira e psicológica como no caso das empregadas domésticas. Através do humor e produções de entretenimento presente no dia-a-dia do público consumidor das tirinhas de Bonson, busquei chamar a atenção para as ambiguidades que nascem desta relação construída sobre pilares de afeto e de desigualdade social.

## Referências Bibliográficas

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRITES, Jurema. “Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores.” *Cadernos pagu* (29), julho-dezembro de 2007:91-109.

\_\_\_\_\_. AFETO, DESIGUALDADE E REBELDIA: bastidores do serviço doméstico. Porto Alegre, 2000, 239 p. Tese (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

BROERING, V; WOLFF, C. S. “Ui-Wando Paixão”: mulheres e a música brega nas tirinhas de Sérgio Bonson. *Revista Ártemis*, vol. XXVI nº 1; jul-dez, 2018. pp. 216-236.

BRUMMETT, Barry. **Techniques of close Reading**. Los Angeles: SAGE Publications, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CRESSWELL, Tim. **On the move**: Mobility in the modern Western World. New York, London: Routledge, 2006.

FEDERICI, Silvia. **Caliban and the witch**: women, the body and primitive accumulation. New York: Autonomedia, 3<sup>rd</sup> Print., 2009.

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality I**: An Introduction. New York: Vintage Books and A Division of Random House, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 20ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª Edição. São Paulo: Global, 2003.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **House and Street**: the domestic world of servants and másters in nineteenth-century Rio de Janeiro. Cambridge, New York, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 1988.

KOFES, Maria Suely. **Mulher: Mulheres**. Diferença e Identidade nas Armadilhas da Igualdade e Desigualdade: interação e relação entre patroas e empregadas domésticas.

São Paulo, 1991, 379 pp. Tese (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Doutorado – Universidade de São Paulo).

KOFES, Maria Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites.\* *Cadernos Pagu* (3), 1994: pp. 117-141.

KUIPERS, Giseline. **Good Humor, Bad Taste: A Sociology of the Joke**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015.

MACEDO, Renata Guedes Mourão. Espelho mágico: empregadas domésticas, consumo e mídia. São Paulo, 2013, 145 pp. Dissertação (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Mestrado – Universidade de São Paulo).

McCLINTOCK, Anne. **Imperial Leather: race, gender and sexuality in the colonial contest**. New York, London: Routledge, 1995.

MELO, Hildete Pereira de. O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras. Texto para discussão do IPEA. Rio de Janeiro, 1998.

MITCHELL, W. J. T. Como caçar (e ser caçado) por imagens. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009.

\_\_\_\_\_. **Teoría de La Imagen: ensayos sobre representación verbal y visual**. Trad. De Yaiza Hernández Velázquez. Madrid: Akal Estudios Visuales, 2009.

RASKIN, Victor. **Semantic mechanisms of humour**. Dordrecht, Netherlands: D. Reidel, 1985.

ROLLINS, Judith. **Between Women: Domesticity and their employers**. Philadelphia: Temple University Press, 1985.

RONCADOR, Sônia. “Criadas *no more*: notas sobre testemunhos de empregadas domésticas”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, no 21. Brasília, janeiro/junho de 2003, pp. 55-71.

\_\_\_\_\_. **Domestic Servants in Literature and Testimony in Brazil, 1889-1999**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher Brasileira: Opressão e Exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SCOTT, Rebecca J. “O Trabalho Escravo Contemporâneo e os Usos da História”.  
Revista Mundos do Trabalho, vol. 5, n. 9, 2013, pp. 129-137.

SKIDMORE, Thomas E. **Brazil**: five centuries of change. Oxford: Oxford University Press, 1999.

STRAIN, Megan. Aggressive and harmless humor. In: ATTARDO, Salvatore (editor).  
**Encyclopedia of humor studies**. Texas: A&M University, 2014, pp. 15-18.

### **Periódicos**

Uma vida marcada por humor e irreverência. **Notícias do Dia**: edição especial *O Estado*, Santa Catarina, 13 maio 2015, p. 16.

O riso como antídoto contra as jararacas. **O Estado**, Florianópolis, ano 73, nº 22203, 17 dez. 1987. *Leitura & Lazer*. 42p.

### **Relatórios**

Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.  
4 Ed. Brasília: IPEA, 2011.